



RAMSÉS NUNES DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL, MÚSICA E OS ENGENHEIROS DO
HAWAII: CRÍTICA OU ALIENAÇÃO?**

**São Borja
2014**

RAMSÉS NUNES DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL, MÚSICA E OS ENGENHEIROS DO
HAWAII: CRÍTICA OU ALIENAÇÃO?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Orientador: Cesar Beras

**São Borja
2014**

RAMSÉS NUNES DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL, MÚSICA E OS ENGENHEIROS DO
HAWAII: CRÍTICA OU ALIENAÇÃO?**

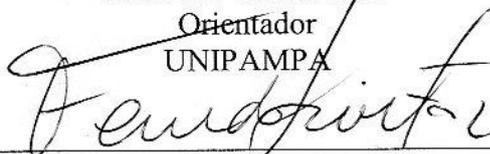
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 24/03/14

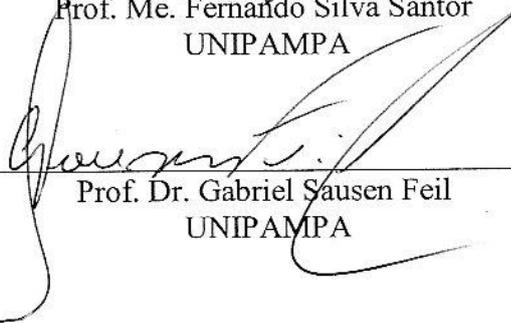
Banca examinadora:



Prof. Dr. Cesar Beras
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Me. Fernando Silva Santor
UNIPAMPA



Prof. Dr. Gabriel Sausen Feil
UNIPAMPA

Dedico este trabalho a minha família.

AGRADECIMENTO

Ao Prof. Dr. Cesar Beras

Aos professores Fernando Silva Santor e Gabriel Sausen Feil

A todos os colegas de curso, especialmente a minha irmã Mariana e Jefferson Fischer.

Agradeço também à Cássia Pilar Salgado, ao Jardel Lemos, ao Leonardo Cassanego, à Loreni Santos e à Karine Machado que foram importantes para a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre arte e construção da realidade social. A ideia é saber se uma expressão artística pode vir a modificar a vida das pessoas, para isso, nós estudamos as músicas da banda Engenheiros do Hawaii: Toda Forma de Poder, O Papa é Pop, 3x4 e Até o Fim, e o tipo de discurso que pode ser gerado a partir de sua apropriação pelos fãs. Nesse sentido, fizemos duas discussões teóricas, na primeira delas trouxemos a dinâmica de construção da realidade social. Fazemos discussões sobre realidade e cotidiano, e também sobre a linguagem. Na segunda discussão abordamos a Revolução Cultural, a Indústria Cultural, juntamente com as formas de pensamento que configuram-se em críticos ou alienados. Realizamos uma análise do discurso das quatro canções selecionadas e uma pesquisa com o fã clube da banda. Buscamos apresentar que tipo de construção da realidade o discurso realizado a partir da leitura da música proporciona, aos participantes, se é uma visão crítica ou alienada.

Palavras-Chave: Realidade; Arte; Engenheiros do Hawaii; Discurso crítico; Discurso alienado

ABSTRACT

This paper presents a study of art and construction of social reality. The idea is whether an artistic expression may ultimately change people's lives, for this, we studied the songs of the band Engenheiros do Hawaii: *Toda Forma de poder*, *O Papa é Pop*, *3x4* and *Até o Fim*, and the type of speech that can be generated from its appropriation by fans . In this sense, we made two theoretical discussions, the first of which brought the dynamic construction of social reality. We do discussions about reality and everyday life, and also about language. In the second approach the discussion, the Cultural Industries Cultural Revolution, along with ways of thinking that set - up on critical or alienated. We conducted a discourse analysis of four selected songs and a survey of the band's fan club. We seek to provide that type of construction of reality discourse conducted from reading music provides to participants, it is a criticism or alienated vision.

Keywords: Reality; Art; Engenheiros do Hawaii; Speech critic; disposed of Speech

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 – Tipo de construção da Realidade.....	38
Quadro 2 – Tipo de análise.....	38
Quadro 3 – Período: 1986-1990.....	45
Quadro 4 – Período: 1999-2003.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A Mensagem transmitida pelas músicas da banda.....	57
Tabela 2 – Trecho da música 3x4.....	58
Tabela 3 – Trecho da música O Papa é Pop.....	59
Tabela 4 – Trecho da música Toda Forma de Poder.....	60
Tabela 5 – Trecho da música até o fim.....	61
Tabela 6 – O que as músicas da banda podem possibilitar?.....	62
Tabela 7 – Trecho de toda forma de Poder.....	63
Tabela 8 – Trecho de O Papa é Pop.....	64
Tabela 9 – Trecho de Até o Fim.....	65
Tabela 10 – Trecho de 3x4.....	66

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A DINÂMICA DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL	15
2.1	Realidade e cotidiano.....	15
2.2	Realidade e linguagem	20
3	REVOLUÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL E AS DIFERENTES FORMAS DE PENSAMENTO	26
3.1	A Revolução Cultural e a Indústria Cultural	26
3.2	Formação do pensamento: crítico e alienado e a relação com a arte.....	29
4	O DISCURSO DAS MÚSICAS DOS ENGENHEIROS DO HAWAII E O TIPO DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE	35
4.1	Problema e hipóteses	35
4.1.1	Ponto de vista crítico	35
4.1.2	Ponto de vista alienado (não crítico)	36
4.2	Metodologia.....	36
4.2.1	Questionário	36
4.2.2	Análise do discurso.....	39
4.3	Objeto de pesquisa.....	42
4.3.1	A banda.....	42
4.3.2	Contextualização histórica das músicas	45
4.4	Discutindo as hipóteses: análise do discurso das letras	48
4.4.1	O discurso de “Toda forma de poder”	48
4.4.2	O discurso de “Até o Fim”	50
4.4.3	O discurso de “3x4”.....	52
4.4.4	O discurso de “O Papa é Pop”	54
4.5	Discutindo as hipóteses: apresentação dos dados da pesquisa	56
4.5.1	Resultados – conhecendo a percepção dos membros do fã clube	56
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
	REFERÊNCIAS	68
	APÊNDICES	71
	ANEXOS	75

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho nós procuramos saber como expressões artísticas, especificamente as músicas dos Engenheiros do Hawaii, são importantes para a formação da realidade social, que, segundo o conceito de Berger e Luckmann (1985), é nossa vida cotidiana, esta que é o processo no qual racionalizamos o que acontece conosco, seja no ambiente familiar, do trabalho ou entre amigos, resumindo, é o espaço onde vivemos. Durante o percurso de nossa vida, nós mudamos com o tempo. Alguns valores se perdem e outros aparecem. Estamos construindo nossa realidade e é isto que nós pesquisamos, como interagimos com a música a tal ponto que ela muda nossa forma de viver.

Trabalhamos com a relação de que a música é arte, e a construção da realidade social ocorre através de duas perspectivas: crítica ou alienada.

Iremos mostrar no trabalho como a leitura do discurso de algumas canções da banda, podem vir a transformar a vida das pessoas, através da experimentação da realidade por meio das letras.

Desenvolvemos um estudo dialético, onde abordamos que a arte é uma atividade humana fundamental na reprodução social. Ao darmos prosseguimento ao nosso trabalho definimos o problema e construímos duas hipóteses, que são os pilares de toda a nossa pesquisa.

Nosso problema é: **Qual a construção da realidade social gerada pelas músicas dos Engenheiros do Hawaii?**

Como possíveis respostas para essa pergunta, temos:

Primeira Hipótese: As músicas dos Engenheiros do Hawaii possibilitam a construção da realidade social a partir de um ponto de vista crítico. Onde o sujeito faz análises realistas da sociedade, e as letras podem vir a gerar mudanças de atitude nos mesmos.

Segunda Hipótese: As músicas dos Engenheiros do Hawaii possibilitam a construção da realidade social a partir de um ponto de vista alienado. Onde o sujeito não se apodera da realidade de maneira crítica, e a reflexão musical não sugere possibilidade de mudança.

Logo depois da construção do problema e das hipóteses, definimos os objetivos do trabalho. Como objetivo geral, queremos compreender como funciona a relação entre a arte (música) e a realidade social. Buscamos saber se a arte interfere na construção da realidade social e vice-versa, averiguar se uma modifica a outra.

Como objetivos específicos nós buscamos analisar as músicas dos Engenheiros do Hawaii e sua possível dimensão crítica indutora de processo social de construção da realidade.

Ou seja, queremos descobrir na análise de discurso que realizamos qual é a crítica que as canções trazem, e se isso interfere na construção da realidade. Também almejamos saber de que maneira as formas de pensar (crítica e alienada) aparecem no discurso das músicas e da arte em si.

Além disso, queremos compreender na relação entre arte e realidade o possível surgimento de uma forma alienada de pensamento. Se conseqüentemente a arte acaba por alienar-se e perde sua originalidade.

Temos três elementos que justificam nossa pesquisa: os processos comunicacionais, os fenômenos sociais e a relação entre arte, comunicação e realidade social. Sobre o primeiro elemento, durante o curso de Publicidade e Propaganda fomos estudando como se constituem os processos comunicacionais, eles são importantes para a reprodução social, em nosso caso, estudamos o discurso com elemento de reprodução social.

Sobre o segundo elemento, os fenômenos sociais e culturais também são de interesse do profissional de comunicação. O publicitário também mostra preocupação com o que acontece no mundo. Desde o início sabemos que é muito importante que nesta profissão nós possamos fazer uma análise crítica do que estamos vendo, somos instigados a pensar sobre a forma que pronunciamos nosso discurso, sobre o poder da mídia, dos meios de comunicação e inclusive da arte que é difundida por estes.

Indo de encontro agora ao nosso terceiro elemento, nossa trajetória no curso foi fundamental para percebermos a necessidade de reflexão sobre a relação entre arte, comunicação e realidade social, temática de nosso trabalho. Pois, segundo (Prates, 2007), através de expressões simbólicas a arte nos permite refletir. Ela é constituída de um esforço criativo do sujeito, que expressa o que está sentindo. A arte é instrumento de comunicação. Assim, é importante para que auxilie na construção de um raciocínio crítico que possa permitir a mudança na realidade, que é composta por uma série de elementos objetivos que atuam de maneira coletiva como, por exemplo, os problemas do cotidiano.

Para a academia, a importância desse trabalho consiste em agregar conhecimento em relação à arte através da música, e entender como isso ajuda ou não na construção da realidade social. O trabalho deseja interar-se de como acontecem as dinâmicas da formação do nosso mundo, através dos símbolos presentes nas músicas. Além disso, iremos incentivar a discussão deste tema na universidade, pois a arte, a comunicação e a realidade social são elementos de grande importância e de constante estudo nas Ciências Sociais.

O estudo não serve somente para a academia. Ele também possui relevância para a sociedade. Fazer uma reflexão teórica nos ajuda a entender como funciona o processo de

construção da realidade social, e isso é de interesse de todos. Saber como funciona o processo de organização da sociedade é positivo.

Por último, o trabalho busca inovar no momento que abre oportunidade para a música ser estudada por outra perspectiva: a sua relação com a comunicação e a construção da realidade, renovando os pensamentos na área dos estudos culturais. A música é um importante instrumento de socialização capaz de nos mostrar aspectos sociais e culturais que vai acrescentar na elaboração de trabalhos futuros.

Agora iremos apresentar a estrutura do trabalho, ele foi dividido em capítulos, primeiramente nós discutimos a realidade social. O capítulo foi dividido em duas seções, na primeira discutimos a realidade e o cotidiano, sua dinâmica de funcionamento, através da reflexão de Berger e Luckmann (1985), Mannheim (1976) e Marx (1996). Na segunda seção discutiremos realidade e linguagem, que entendemos como instrumento fundamental para a construção da realidade social, já que é ela que proporciona o entendimento dos sujeitos. Também utilizamos Berger e Luckmann (1985) e Mannheim (1976).

O capítulo seguinte também foi dividido em duas seções, na primeira nós abordamos a Revolução Cultural e a Indústria Cultural, onde mostrarmos a ascensão do jovem na sociedade e as transformações da arte com o decorrer do tempo. Na segunda seção também apresentamos as formas de pensamento (crítico e alienado) e a relação deles com a arte. Para a construção de nosso discurso utilizamos Hobsbawm (1994), Adorno e Horkheimer (1985), Johnson; Escosteguy e Schulman (2010), Outhwaite e Bottomore (1996), Vásquez (2010), Prates (2007) e Vieira (2011).

Em nosso último capítulo, apresentamos os dados da pesquisa que realizamos, ele é mais denso que os outros, foi dividido em cinco seções. Na primeira seção retomaremos o problema e as hipóteses. Na segunda seção apresentaremos a metodologia, onde explicamos a maneira como realizamos nossa pesquisa, a formulação do questionário que foi enviado ao fã clube da banda, como nós construímos as perguntas baseadas em elementos das hipóteses, explicamos também o método de análise de discurso segundo Fairclough (2008), que utilizamos para analisar as músicas, nós nos apropriamos de elementos do método do autor para fazermos nossa análise.

Na terceira seção trazemos o histórico de nosso objeto de pesquisa, ou seja, a banda Engenheiros do Hawaii e as músicas analisadas que são: Toda forma de Poder, O Papa é Pop, 3x4 e Até o Fim. Nós as contextualizamos, levando em conta o período em que foram lançadas, refletimos sobre o que ocorria no mundo e no Brasil naquele momento. Nesta seção utilizamos como autores: Marconi e Lakatos (2010), Fairclough (2008), Paiva (2013), Franz

(2007), Almeida (2013), Ávila; Bastos e Müller (2001), Sosnovski (1989), Piccoli (2008) e Hobsbawm (1994).

Na quarta seção apresentamos as análises do discurso das músicas. Na quinta seção apresentamos e discutimos os dados da pesquisa junto ao Fã Clube dos Engenheiros do Hawaii. Depois de terminado este capítulo, nós iremos apontar nossas considerações finais.

2 A DINÂMICA DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL

Neste primeiro capítulo iremos abordar como funciona a dinâmica de construção da realidade social. Nós o dividimos em duas seções. Na primeira seção, abordaremos a realidade social e o cotidiano, iremos apresentar a fonte do pensamento do indivíduo, e na sequência como ele constrói a realidade no dia a dia, para nossas reflexões utilizamos a perspectiva dos autores Berger e Luckmann (1985), Mannheim (1976) e Marx (1996).

Na segunda seção, nós iremos realizar discussões sobre realidade e linguagem, mostrando que a linguagem é importante instrumento para a construção da realidade social, construímos três discussões na segunda seção, são elas: A função da linguagem, a capacidade comunicativa que a linguagem possui e a linguagem e a realidade social. Para esses temas também utilizamos as perspectivas dos autores Berger e Luckmann (1985) e Mannheim (1976).

2.1 Realidade e cotidiano

Nesta seção, abordaremos a dinâmica da construção da realidade social, iremos fazer aqui duas discussões, são elas: Qual a fonte do pensamento do indivíduo e logo em seguida como ele constrói a realidade no cotidiano.

Em relação a nossa primeira reflexão partimos de um dialogo com Mannheim (1976). De fato todo o ser humano pensa, porém isso não significa que o seu pensamento brote simplesmente de sua capacidade de pensar.

Realmente, é verdade que só o indivíduo é capaz de pensar. Não há entidade metafísica alguma tal como uma mente de grupo que pense acima das cabeças dos indivíduos, ou cujas ideias o indivíduo meramente reproduza. Não obstante, seria falso daí deduzir que todas as ideias e sentimentos que motivam o indivíduo tenham origem apenas nele, e que possam ser adequadamente explicados tomando-se unicamente por base sua experiência de vida (MANNHEIM, 1976, p. 30).

Entendemos que segundo o autor, a origem do pensamento é uma mistura da própria capacidade do individuo de pensar com o que ele absorve das ideias de outros sujeitos. Somente suas ideias não seriam capazes de originar um pensamento, não seria correto dizer que a raiz do pensar esteja em um flash que passou pela cabeça do homem, é muito mais complexo que isto, ele aglutina o que outras pessoas pensam, esses são fatores que estão

presentes na vida cotidiana dele, as experiências de vida de outros sujeitos geram reflexões que servem também como base para a formação do pensamento do sujeito.

A bagagem social de gerações passadas e da geração atual moldam o pensamento do indivíduo, o conjunto de fenômenos sociais que aconteceram ou que estão ocorrendo são determinantes na sua capacidade de pensar. O conhecimento e experiências desta geração serão base para a construção do pensamento de indivíduos em uma próxima geração. O homem recebe um modelo já formado de pensamento, e desse modelo ele origina um novo pensar.

Assim o conhecimento e experiências que recebemos e que discutimos anteriormente são, de acordo com Marx (1996), uma concepção da História, que de acordo com o autor é ela que nos possibilita a construção do pensamento, esta seria sua definição

...uma soma de forças produtivas, uma relação, historicamente criada, dos indivíduos com a natureza e entre eles, e transmitidos a cada geração pela que a precede, uma massa de forças produtivas, de capitais e de circunstâncias, que é, por um lado, muito modificada pela nova geração, mas que, por outro lado, dita-lhe suas próprias condições de existência e lhe imprimem um desenvolvimento determinado, um caráter específico, e que, conseqüentemente, as circunstâncias fazem os homens, da mesma forma que os homens fazem as circunstâncias (MARX, 1996, p.146).

As forças produtivas e a relação do homem com a natureza são o que há de concreto para desenvolver o pensamento do indivíduo. O homem a utiliza a seu favor, ele também a modifica, pega um elemento, como, por exemplo, o ferro, e dele constrói uma ferramenta, faz dela um objeto que vai auxiliar na força produtiva que conseqüentemente irá gerar lucro. Esse fenômeno de produção gera efeitos colaterais, de um lado está um reduzido número de sujeitos que reterão a maior parte do lucro, do outro lado uma classe que receberá uma quantia menor de lucro, que ainda será dividido em um número muito maior de sujeitos. Entendemos que a partir do fenômeno da produção criam-se as condições de existência que Marx fala, essas condições também passam de geração para geração.

Dessa produção do homem quem vem à base da sensibilidade do pensamento.

Essa atividade, esse trabalho, essa criação material incessante dos homens, essa produção em suma, é a base de todo o mundo sensível, tal como ele existe em nossos dias, a tal ponto que, se o interrompessêmos, nem que fosse só por um ano, Feuerbach não só encontraria uma mudança enorme no mundo natural, mas também deploraria rapidamente a perda de todo o mundo humano e de sua própria faculdade de contemplação até mesmo a de sua própria existência (MARX, 1996, p. 153).

A atividade e a produção fazem com que a sociedade esteja em movimento, as relações sociais acontecem por causa da atividade de criação humana, é dessa criação que o homem consegue sensibilizar-se e construir um pensamento, porque é desta produção que surgem os fenômenos sociais.

Discutimos até agora o pensamento, sua gênese e a relação com o real, foi importante que fizéssemos essa abordagem para que possamos dialogar sobre a realidade e o cotidiano, já que esses elementos são constitutivos na formação da vida em sociedade.

A partir daí podemos realizar a nossa segunda discussão, podemos dizer que estamos dentro de uma realidade social, ou seja, coletiva, sendo que as pessoas dependem umas das outras. Não conseguimos viver sozinhos, necessitamos da interação com os outros para que possamos de fato ter uma vida cotidiana.

Estamos dentro do mundo intersubjetivo, nos relacionamos com as outras pessoas e dessa forma fazemos parte da vida cotidiana. A relação com o outro, gera um conhecimento do senso comum que dividimos por meio das rotinas normais.

Também fazemos relação entre um mundo que está dentro de nossa zona de conforto, que é regido por nossa rotina, que conhecemos, com um mundo desconhecido, que não faz parte da rotina. Um exemplo disto: sair todos os dias de casa e ir para o trabalho caminhando. O indivíduo sabe o trajeto porque ele faz parte da rotina, e este está dentro do mundo que conhece. Porém, se estiver no hotel em outra cidade e precisar ir a uma farmácia, irá procurar ajuda para obter orientação, e este é o mundo que gerará tensão nele, que o retira de um lugar onde ele sabe a organização de elementos objetivos.

Nós conhecemos as outras pessoas na vida cotidiana através do convívio social, do relacionamento face a face que construímos com elas, a troca de expressividades pode nos proporcionar indícios que nos levam a subjetividade. Fazemos tipificações que são uniformizadas pela vida cotidiana. Tipificamos tudo, baseado em um objeto concreto. Por exemplo, uma cadeira, sabemos que objeto ela é porque foi tipificada e generalizada, a relação face a face ajuda a diminuir a subjetividade porque estamos em contato com o objeto real. Quanto mais longe da relação face a face estamos, mais iremos generalizar.

É importante ressaltar que para Berger e Luckmann (1985) o mundo constitui-se de várias realidades, vários objetos são representados por nossa consciência.

Objetos diferentes apresentam-se à consciência como constituintes de diferentes esferas da realidade. Reconheço meus semelhantes com os quais tenho de tratar no curso da vida diária como pertencendo a uma realidade inteiramente diferente da que tem as figuras descarnadas que aparecem em meus sonhos. Os dois conjuntos de objetos introduzem tensões inteiramente diferentes em minha consciência e minha atenção com referência a eles é de natureza completamente diversa. Minha consciência por conseguinte é capaz de mover-se através de diferentes esferas da realidade. Dito de outro modo, tenho consciência de que o mundo consiste em múltiplas realidades (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 36).

Vivemos em múltiplas realidades, do mundo objetivo, onde as coisas são concretas, como por exemplo, nossa relação com as outras pessoas, que é algo real. E também no mundo dos sonhos, onde é um mundo particular, onde questões do mundo objetivo aparecem, mas de forma diferente. O que acontece na vida cotidiana pode aparecer em nossos sonhos, devido aos estímulos que nossa consciência recebe dos fatos que ocorrem no dia a dia, porém está é outra realidade, que só acontece na cabeça de um indivíduo, ela não é compartilhada com outros.

Berger e Luckmann (1985) consideram a realidade da vida cotidiana como principal.

Entre as múltiplas realidades há uma que se apresenta como sendo a realidade por excelência. É a realidade da vida cotidiana. Sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante. A tensão da consciência chega ao máximo na vida cotidiana, isto é, esta última impõe-se a consciência de maneira mais maciça, urgente e intensa. É impossível ignorar e mesmo difícil diminuir sua presença imperiosa (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 38).

A realidade da vida cotidiana é uma realidade coletiva, na qual estão inseridos outros sujeitos e objetos que a completam. Nossa consciência está em frequente atividade, nós estamos sempre em contato com elementos objetivos. Disso surge em nossa mente a subjetivação, que posteriormente nos dará condições de objetivarmos.

A objetivação é onde o sujeito realiza ações, mas não consegue modificar o mundo sozinho, as características da realidade da vida cotidiana são essas: objetiva, porque há outros elementos independentes que a constituem, e coletiva, pois vivemos em contato com outros sujeitos, isso é o mundo coletivo.

Na realidade, no cotidiano nossa consciência é intencional, nós sempre temos a necessidade de saber algo, e a realidade da vida cotidiana é a primeira que desafia a nossa consciência.

A consciência é sempre intencional: sempre “tende para” ou é dirigida para objetos. Nunca podemos aprender um suposto substrato de consciência enquanto tal, mas somente a consciência de tal ou qual coisa. Isto assim é, pouco importando que o objeto da experiência seja experimentado como pertencendo a um mundo físico externo ou apreendido como elemento de uma realidade subjetiva interior (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 37).

O contato com a realidade é uma experimentação, nós somos condicionados para uma direção ou objeto, quando nós o experimentamos, o fazemos através de uma perspectiva que adquirimos. Isto funciona tanto para os objetos reais, que se manifestam independentemente de nossa vontade, quanto para um elemento subjetivo que está dentro de uma realidade subjetiva, ou seja, que está em nosso pensamento onde podemos controlar.

Nossa realidade nos coloca em estado de vigília. Um exemplo: temos obrigações, precisamos estudar e trabalhar para que possamos sobreviver. Padrões externos como a família nos são dados e se impõem à consciência, não escolhemos nossa família, ao nascer simplesmente nos tornamos parte dela independente de escolha.

Estarmos em contato com elementos concretos é uma necessidade a nós imposta

Apreendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõem à minha apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto, é constituída por uma ordem de objetos que foram designados *como* objetos antes de minha entrada na cena (BERGER; LUCKMANN, 1985, p.38).

Vivemos no mundo onde vários elementos estão estabelecidos no cotidiano antes de que qualquer sujeito esteja inserido, qualquer pessoa que nasça já entra em contato com um mundo moldado por leis, hábitos etc. Na vida cotidiana experimentamos esses elementos juntamente com outros sujeitos.

Vivemos em torno do “aqui e agora”.

A realidade da vida cotidiana esta organizada em torno do “aqui” do meu corpo e do “agora” do meu presente. Este “aqui é o agora” é o foco de minha atenção à realidade da cotidiana. Aquilo que é “aqui e agora” apresentado a mim na vida cotidiana é o *realissimum* de minha consciencia. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes “aqui e agora”. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporal. A mais próxima de mim é a zona da vida cotidiana diretamente acessível a minha manipulação corporal. Esta zona contém o mundo que se encontra ao meu alcance (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 39).

A realidade da vida diária é a presença imediata. A forma como experimentamos o real é porque a vida nos impõe acontecimentos que temos que responder, tomar partido. O sonho também pode ser uma realidade. A forma mais próxima de experimentar o sonho é a vida diária, que não faz parte da vida cotidiana, mas faz parte da experimentação do real pelo sujeito. O aqui e o agora é o que nos é imposto como necessidade. O imediato que foge do nosso alcance, que temos que lidar e que mudam nossas vidas, como, por exemplo, ser

surpreendido por uma atitude inesperada, que nos afete (corpo) no agora (momento). Porém, não é somente no aqui e agora que a realidade ocorre, ela também permite que entremos em contato com objetos que estão perto e longe de nós, os que estão longe nós criamos representações ou tipos, e os que estão perto são os que interagem a todo momento com nossa vida cotidiana, eles fazem parte do espaço acessível da realidade que tenho.

Agora que concluímos nossas reflexões sobre da realidade social, iremos então partir para a segunda seção, onde abordaremos a linguagem e sua importância para a construção da realidade.

2.2 Realidade e linguagem

Agora iremos discutir através de que procedimento nós construímos a realidade, já abordamos que a realidade é constituída das relações sociais, da vivência dos sujeitos, da formação do pensamento, etc. Mas o que possibilita tudo isso ser assimilado é a interpretação, que só é possível graças à linguagem.

Nesta seção iremos abordar mesmo a linguagem na vida humana. Sem ela seria impossível para nós, seres pensantes vivermos sem conseguir interpretar e ser interpretados pelos outros, viveríamos no caos. Iremos realizar três discussões: 1ª: A função da linguagem. 2ª: A capacidade comunicativa que a linguagem possui. E 3ª: A linguagem e a realidade social.

Começaremos agora nossa primeira discussão: Para o humano a linguagem vem da necessidade de expressão, tudo é linguagem: a fala, os gestos, e as formas são códigos, e através disso, sensibilizamos os pensamentos, os codificamos e logo em seguida os expressamos.

A linguagem, que pode ser aqui definida como sistema de sinais vocais, é o mais importante sistema de sinais da sociedade humana. Seu fundamento, naturalmente, encontra-se na capacidade intrínseca do organismo humano de expressividade vocal, mas só podemos começar a falar de linguagem quando as expressões vocais tornam-se capazes de se destacarem dos estados subjetivos imediatos 'aqui e agora' (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 56).

É através dela que nos expressamos, de nada adiantaria pensar se não fosse possível demonstrar o que estamos pensando, é uma ação de separar o subjetivo e torná-lo palpável, tornar a interpretação concreta, isso não somente através da fala, mas de gestos.

É a forma como as pessoas subjetivam (interpretam) alguma coisa e como na sua ação através da linguagem transformam isso em algo objetivo. A linguagem é um instrumento no processo de objetivação, pois sem ela as coisas não têm um sentido. Ela é quem conforma a vida em sociedade, e é a linguagem que expressa às significações. Para Berger e Luckmann (1985, p. 35), “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”.

Nós conseguimos perceber se uma pessoa está triste ou feliz somente pelo semblante em seu rosto, sem que seja preciso dizer uma só palavra, temos a capacidade de interpretar o que ela está sentindo, talvez nem sequer seja a intenção dessa pessoa demonstrar o que sente, porém seu corpo utilizou da linguagem sem que tenha percebido, é algo impossível de separar do indivíduo.

Sabemos interpretar se a pessoa está feliz ou triste porque em algum momento entramos em contato com as expressões que nos possibilitam fazer essa leitura, e porque algum dia alguém entendeu que determinada expressão representa algo, e nós passamos a agregar essa representação.

A linguagem tem origem e encontra sua referência primária na vida cotidiana, referindo-se sobretudo à realidade que experimento na consciência em estado de vigília, que é dominada por motivos pragmáticos (isto é, o aglomerado de significados diretamente referentes a ações presentes ou futuras) e que partilho com outros de maneira suposta evidente (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 58).

Isso se dá também devido ao fato de carregarmos uma bagagem de significados. Os motivos pragmáticos são fatores que estão presentes no cotidiano que precisamos enfrentar, eles são impostos a nós, acabamos por ter que lidar com eles e superá-los, a linguagem apresenta-se como algo primário, que não se pode desprender do ser humano, ela nos proporciona que a vida cotidiana de fato aconteça.

Nossa interação com o cotidiano também depende desses fatores, um exemplo de fator pragmático: alguma coisa esperada acontece, um acidente, dependendo da dimensão dele isso pode afetar a vida de muitos sujeitos. O certo é que ele vai modificar o cotidiano de alguém, seja no sentido de transtorno, ou tristeza. O acidente é um objeto real, que foi imposto na vida de alguém, e está transformando a vida dessa pessoa, e possivelmente irá interferir na vida das pessoas próximas a ela.

A linguagem pode transformar o cotidiano das pessoas, seja através da expressão de quem que foi afetado pelo acidente, ou das pessoas próximas, a linguagem organiza os significados e sentimentos que vão interagir nas relações desses sujeitos. A forma como irão

agir, se buscarão ajudar o acidentado a superar o trauma configura-se na construção do cotidiano.

Na situação face a face a linguagem possui uma qualidade inerente de reciprocidade que a distingue de qualquer outro sistema de sinais. A contínua produção de sinais vocais na conversa pode ser sincronizada de modo sensível com as intenções subjetivas em curso dos participantes da conversa (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 57)

A linguagem possibilita às pessoas uma situação de troca, por exemplo, o contato do acidentado com os outros sujeitos através de uma conversa proporciona a ele e aos outros uma compreensão do que eles estão sentindo, eles escutam uns aos outros, desse jeito eles conseguem expressar suas subjetividades, essa é um artifício importantíssimo da linguagem.

A linguagem também é um fator que se espalha facilmente

...é flexivelmente expansiva, de modo que me permite objetivar um grande número de experiências que encontro em meu caminho no curso da vida. A linguagem também tipifica as experiências, permitindo-me agrupá-las em amplas categorias, em termos das quais tem sentido não somente para mim mas também para meus semelhantes (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 59).

A linguagem possibilita que nós façamos as chamadas tipificações, ou seja, nós iremos classificar as coisas, criar os modelos, desta forma objetos semelhantes são significados de formas parecidas. Exemplo um livro: há livros de várias cores e formatos e assuntos, mas todos são livros, pois alguém tipificou aquele bloco de folhas, e por isso o objeto é chamado desta maneira.

Caracterizamos a linguagem então como uma necessidade de expressão. No caso dos seres humanos, se origina na vida cotidiana, que não pode ser separada do ser e que se espalha e cria tipificações facilmente. Todas as características apresentadas refletem o quanto ela é importante para que possamos nos comunicar.

Agora faremos nossa segunda discussão acerca da capacidade comunicativa da linguagem. A linguagem também possibilita que o sujeito rompa fronteiras e faça discussões sobre assuntos que ele não conhece bem.

Como diz o autor:

A linguagem tem origem na situação face a face, mas pode ser facilmente destacada desta. Isto não é somente porque posso gritar no escuro ou à distância, falar pelo telefone ou pelo rádio ou transmitir um significado linguístico por meio da escrita (esta constitui, por assim dizer, um sistema de sinais de segundo grau) (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 57).

Através da exposição de significados que a linguagem proporciona, conseguimos compreender significados reais que não pertencem genuinamente ao nosso mundo, mas que agregamos ao nosso cotidiano graças ao nosso conhecimento.

Mesmo que o sujeito não conheça pessoalmente Paris, ele pode muito bem fazer uma descrição dela, seus pontos turísticos etc. Porque ele tem um conhecimento da cidade que foi adquirido de outra forma sem ser através da presença física dele na cidade. Ele pode ser um sujeito que gosta de ler, e devido a isso ele buscou informações sobre a cidade.

A linguagem deu a chance a ele de colocar em seu cotidiano um objeto que ele não conhece pessoalmente, mas mesmo assim agora faz parte de seu mundo, devido ao conhecimento.

A interpretação da linguagem não parte somente de um indivíduo, é uma construção coletiva, como explica Mannheim:

Da mesma forma, como seria incorreto tentar derivar uma linguagem apenas da observação de um só indivíduo, que fala uma linguagem que não é somente dele, mas, antes, é a de seus contemporâneos e predecessores que para ele prepararam o caminho, é também incorreto explicar-se na totalidade de uma perspectiva com a referência exclusiva à sua gênese na mente do indivíduo. Somente num sentido muito limitado o indivíduo cria por si mesmo um modo de falar e de pensar que lhe atribuímos (MANNHEIM, 1976, p. 30).

A linguagem é coletiva desde o início, nós usamos a linguagem que vem passando por gerações, não surge do nada, ela não é do sujeito desta época somente, ela é um agregado de várias outras épocas, que vai adquirindo expressões e valores a todo tempo. Como o autor diz é muito difícil um sujeito se desprender de tudo o que está a sua volta e criar uma nova linguagem para se expressar.

De acordo com Mannheim, a linguagem atravessa épocas, foi usada por gerações passadas, e é modificada pela geração atual, ela não inicia do nada, é abraçada por uma série de fatores históricos, é difícil para que o indivíduo cria uma linguagem sem se basear em algo, talvez somente em algum caso raro um sujeito consiga criar uma forma de expressão sem utilizar referências.

Podemos estudar o contexto da sociedade através da linguagem. Sotaques, gírias etc, não são expressões somente do sujeito, mas também do grupo em que ele participa.

Ele fala a linguagem de seu grupo; pensa do modo que seu grupo pensa. Encontra à sua disposição somente certas palavras e seus significados. Estas não apenas determinam em um sentido amplo os caminhos de abordagem ao mundo que o envolve, mas igualmente mostram, e ao mesmo tempo, de que ângulo e em que contexto de atividades os objetos foram anteriormente perceptíveis e acessíveis ao grupo ou ao indivíduo (MANNHEIM, 1976, p. 30).

Para os sujeitos dos grupos, estão disponíveis alguns significados, e é deles que se é possível fazer análises do mundo em que estes sujeitos vivem, entender as estruturas sociais inseridas no grupo. A linguagem trata de articular objetos e costumes, como por exemplo: o hábito de beber chimarrão no Rio Grande do Sul. Se em São Paulo um sujeito estiver saboreando chimarrão, as pessoas iram dizer que ele é gaúcho, talvez ele não seja, e simplesmente seja um apreciador, mas mesmo assim vão incluí-lo em um grupo, o chimarrão torna-se elemento da linguagem, pois foi interpretado pelas outras pessoas.

Por fim, em nossa terceira discussão iremos tratar da linguagem e a realidade social. Na dinâmica da construção da realidade social fazemos o processo de significação, neste momento, estamos codificando símbolos através de uma linguagem, e ela regula nossa ação. Para Berger e Luckmann (1985, p. 58), “A linguagem tem origem e encontra sua referência primária na vida cotidiana.” Através da fala, de expressões corporais, da forma como nos comunicamos com os outros.

Podemos dizer que somos capazes de nos apropriar dos símbolos e através da linguagem simbólica interpretamos e começamos a construção da realidade social, processo este que sempre está acontecendo, pois, em todo momento, estamos interagindo com símbolos e formando novos significados. A significação é composta de linguagem.

A linguagem é capaz não somente de construir símbolos altamente abstraídos da experiência diária mas também de “fazer retornar” estes símbolos, apresentando-os como elementos objetivamente reais na vida cotidiana. Desta maneira, o simbolismo e a linguagem simbólica tornam-se componentes essenciais da realidade da vida cotidiana e da apreensão pelo senso comum desta realidade (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 61).

A linguagem é um facilitador na vida dos homens, pois dá a eles uma forma articulada de conseguir transformar a subjetividade em algo concreto, que vai ser presente nas relações sociais, guiando a vida cotidiana.

Através da linguagem simbólica construímos a realidade. Com o processo de significação moldamos o lugar que nos cerca. A partir disso, nossa realidade forma-se através de fatores já organizados e objetivados pela sociedade, e não podemos passar por cima deles. Mesmo que tenhamos conflitos, ou tentemos ignorá-los, ainda assim estão presentes, e de

alguma forma vão interferir em nossas vidas mesmo que nem sequer isso tenha passado por nossa percepção. O conjunto de elementos culturais, sociais, e religiosos já organizados, influenciam na construção da realidade. Podemos dizer que através da linguagem simbólica formatamos significados graças à compreensão que tivemos desses elementos.

Terminadas as discussões, partiremos agora para o próximo capítulo, onde iremos discutir primeiramente a Revolução Cultural e a Indústria Cultural, pois entendemos que elas são importantes na construção da realidade social. E logo em seguida iremos abordar as formas de pensamento que configuram-se em críticos e alienados e como isso se reflete na arte.

3 REVOLUÇÃO E INDÚSTRIA CULTURAL E AS DIFERENTES FORMAS DE PENSAMENTO

Nosso capítulo é dividido em duas seções. Na primeira seção nós iremos abordar a revolução cultural e a indústria cultural, iremos mostrar que durante esse período o jovem se destaca no mundo. Como base para a construção de nosso texto nós utilizamos Hobsbawm (1994) e Adorno e Horkheimmer (1985).

Na segunda seção nós iremos tratar das formas de pensamento, que configuram-se em críticos e alienados, e como isso se reflete na arte. Os autores que utilizamos em nosso discurso foram Johnson; Escosteguy e Schulman (2010), Outhwaite e Bottomore (1996), Vásquez (2010), Prates (2007) e Vieira (2011).

3.1 A Revolução Cultural e a Indústria Cultural

O mundo passou por uma revolução cultural a partir da segunda metade do século XX, e o que aconteceu durante a revolução, logicamente afetou a arte, sendo que muita coisa começou a mudar na sociedade. Nos países ocidentais como, por exemplo, a Inglaterra, a própria configuração da família começou a se modificar. Foi uma revolução que proporcionou uma abertura e de certa maneira, maior tolerância, como veremos em Hobsbawm.

O conceito de família composta por pai, mãe e filhos começou a se modificar. A família também poderia constituir-se de uma mãe solteira com seu filho, por exemplo.

A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não oficiais, e a grande mudança em ambas está datada, coincidindo com as décadas de 1960 e 1970. Oficialmente, essa foi uma era de extraordinária liberação tanto para heterossexuais (isto é, sobretudo para mulheres, que gozavam de muito menos liberdade que os homens) quanto para os homossexuais, além de outras formas de dissidência cultural-sexual (HOBSBAWM, 1994, p. 316).

Podemos dizer que foi também a revolução do jovem, foi o momento no qual ele conseguiu espaço na sociedade, como, por exemplo, a diminuição da idade eleitoral nos Estados Unidos, assim, os jovens poderiam votar aos 18 anos. A capacidade de mobilização dessa massa contribuiu para que pudesse haver mudanças significativas.

Hobsbawm (1994) cita as novidades que fazem parte dessa nova cultura dos jovens. Primeira novidade: ele diz que o jovem representa o indivíduo em sua melhor forma, na qual

ele está cheio de ambições, está em evidência nas artes e também na sociedade como se na juventude ele vivesse o que de melhor tem na vida, ao mesmo tempo que essa fase é rápida e interrompida por mortes prematuras. Um exemplo disso é a morte de artistas como Janis Joplin em plena juventude. A segunda novidade é que o jovem exerce domínio no mercado de países desenvolvidos, pois o jovem conseguia se adaptar melhor às inovações tecnológicas que as outras gerações, inclusive sendo muito importante para o desenvolvimento tecnológico. Já a terceira novidade foi à capacidade do jovem de se globalizar. Hobsbawm (1994) cita o rock como exemplo de símbolo da juventude.

Os acontecimentos políticos mais dramáticos, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, foram as mobilizações da faixa etária que, em países menos politizados, fazia a fortuna da indústria fonográfica, que tinha de 70% a 80% de sua produção – sobretudo de *rock* – vendida quase inteiramente a clientes entre as idades de catorze e 25 anos (Hobsbawm, 1993, PP. XXVIII-XXIX) (HOBSBAWM, 1994, p. 317).

O jovem viu no rock um estilo transgressor, de romper paradigmas, logicamente vários jovens iriam se identificar com esse estilo musical, pois os grandes artistas do gênero eram meninos da idade deles. Pensavam as mesmas coisas que eles, possuíam o espírito rebelde da juventude e a obsessão em mudar o mundo.

O jovem ganhou espaço na sociedade, a juventude era uma massa com grande poder de consumo e produção cultural que influenciava o mercado, e tornava-se um grupo com grande poder de mobilização.

A juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade – que nos países desenvolvidos ocorria vários anos mais cedo que nas gerações anteriores (Tanner, 1962, p. 153) – até a metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente. Os acontecimentos políticos mais dramáticos, sobre tudo nas décadas de 1970 e 1980 foram às mobilizações da faixa etária que, em países menos politizados, fazia fortuna da indústria fonográfica... (HOBSBAWM, 1994, p. 317).

O jovem adaptou-se muito bem as mudanças que foram ocorrendo no mundo, principalmente nos aspectos tecnológicos, ele tinha mais facilidade para lidar com os novos aparelhos que as gerações mais velhas, que tinham dificuldades para lidar com essas tecnologias mais avançadas.

Simultaneamente podemos verificar um fenômeno de transformação da arte em mercadoria, segundo Adorno e Horkheimer (1985). Chamamos de Indústria Cultural, que faz da arte um negócio.

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles utilizam a como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto a necessidade social de seus produtos (ADORNO; HORKHEINMER, 1985, p. 100).

O que o autor quer dizer é que algumas formas que considerávamos como expressões artísticas, perderam seu valor, tornando-se mercadorias, como ele mesmo cita, por exemplo, o cinema e o rádio, que se aproveitam para usar a palavra arte somente para mascarar o seu novo propósito de fazer receita.

As pessoas estando sujeitas à exposição de “produtos culturais” acabam por alienarem-se, não conseguem fazer uma análise realista da situação e acabam por não perceber que estão fazendo parte de um processo que usa da arte para obter lucro.

Outro ponto importante sobre a adaptação da arte é que ela acaba por perder um de seus grandes trunfos, que é a originalidade, tornando-se previsível.

Desde o começo do filme já se sabe como ele termina, quem é recompensado, e ao escutar a música ligeira, o ouvido treinado é perfeitamente capaz, desde os primeiros compassos, de adivinhar o desenvolvimento do tema e sente-se feliz quando ele tem lugar como previsto (ADORNO; HORKHEINMER, 1985, p. 103).

É como se existisse uma receita, ou fórmula do sucesso para se fazer arte, nos faz perceber que a arte é um produto programado, tornou-se monótona, a pessoa que assiste um filme por exemplo, sabe que na história há um mocinho e um vilão, que o mocinho irá passar por maus bocados durante a trama, mas no final conseguirá vencer e ser feliz.

Devido à grande adaptação da arte em bem de consumo, ela acaba por transformar também o sujeito, quem absorve dessa arte faz parte de uma grande massa de consumidores, que não se distinguem entre os outros, são pessoas com gostos e hábitos parecidos, que já estão moldadas para assimilar o conteúdo.

As pessoas que tentam diferenciar-se das outras vivem uma ilusão de que possuem uma identidade própria, se enxergam como um ser individual.

A pseudoindividualidade é um pressuposto para compreender e tirar da tragédia sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade (ADORNO, HORKHEINMER, 1985, p. 128).

Por exemplo, um jovem que gosta de Rock e se veste como seus ídolos, ele está se diferenciando da maioria dos sujeitos que estão a sua volta, porém ele está reproduzindo um

modelo que não é originalmente dele, ele está se espelhando em outro sujeito e está trazendo isso para a sua vida.

A indústria cultural molda os sujeitos para que fiquem parecidos uns com os outros, os adaptou dessa maneira, tornando-os alienados, Este tipo de arte industrializada não possibilita uma mudança na vida dos sujeitos.

Depois de termos discutido sobre a revolução cultural e a indústria cultural, partiremos agora para a próxima seção, na qual iremos discutir as formas de pensamento, e como é a relação desse tema com as expressões artísticas.

3.2 Formação do pensamento: crítico e alienado e a relação com a arte

Nós iremos fazer nesta seção uma discussão sobre duas formas de pensamento, como surgem e a relação dessas formas com a arte, como elas aparecem nas expressões artísticas. São elas: o pensamento crítico, este que gera inquietação e mudança na vida dos sujeitos, e o pensamento alienado que gera acomodação e falta de perspectiva de mudança na vida das pessoas.

A formação do pensamento crítico deve-se primeiramente pelo fato de possuímos consciência. Pela perspectiva de mudança temos o discurso crítico, que pelo viés marxista é o que não mantém a ordem. Ele muda, cria opinião, é consciente, sendo que

...os seres humanos são caracterizados por uma vida ideal ou imaginária, na qual a vontade é cultivada, os sonhos são sonhados e as categorias elaboradas. Em seus *Manuscritos* de 1844, Marx viu a consciência como característica do “ser da espécie”. Mais tarde, ela a chamaria de uma categoria “genérico-histórica, verdadeira para toda a história, uma abstração simples ou universal”. Embora o uso seja, aqui, menos claro, Marx habitualmente também se refere ao “lado subjetivo” ou ao “aspecto subjetivo” dos processos sociais (JOHNSON; ESCOSTEGUY; SCHULMAN, 2010, p. 26).

Nossa mente trabalha com a subjetividade. Através da interpretação moldamos nossa consciência crítica, e por ser algo pessoal, cada indivíduo desenvolve um raciocínio crítico diferente de outro sujeito. Nós criamos padrões e categorizamos os objetos que estão dentro de nossa realidade. Ao concordarmos ou não com um parecer de outra pessoa estamos moldando nossa opinião e fazendo um julgamento crítico. Quando nós fazemos uma análise realista de uma questão que está em nossa volta, quando algo nos deixa inquieto, e nos faz mudar de atitude estamos agindo de forma crítica, estamos tendo um pensamento e mudança que não nos deixou em inércia. Porém quando não fazemos uma análise crítica, quando

agimos com indiferença e tomamos uma atitude acomodada estamos agindo de forma alienada, onde não nos reconhecemos como sujeitos na sociedade.

O oposto da forma crítica de pensar é o pensamento alienado, iremos conceituar alienação:

alienação Nos textos de Marx, é o processo histórico por meio do qual os seres humanos vieram sucessivamente a se afastar da Natureza e dos produtos de sua atividade (bens e capital, instituições sociais e cultura), que a partir de então se impõem às gerações posteriores como uma força independente, coisificada, ou seja, como uma realidade alienada. Marx concentrou-se particularmente nos efeitos deletérios do trabalho alienado na produção industrial capitalista (ver TRABALHO, PROCESSO DE). Em segundo lugar, o termo, refere-se a uma sensação de estranhamento da sociedade, grupo, cultura ou do eu individual, que as pessoas comumente experimentam quando vivem em sociedades industriais complexas, em particular nas grandes cidades. A alienação evoca experiências como a despersonalização diante da burocracia, sensações de impotência para influir nos eventos e processos sociais e um senso de falta de coesão nas vidas pessoais (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 9).

Para nosso trabalho o conceito de alienação de Marx é importante porque trata de despersonalização e dificuldade de interagir nos processos sociais. Temos a perspectiva de manutenção com o discurso alienado, que é aquele que reproduz, não exhibe mudança, gera o pensamento alienado. A natureza possibilita que ele construa produtos para suprir suas necessidades através do trabalho, porém, o que produz ele acaba por estranhar, como se o que ele fizesse não fosse seu, o sujeito não usufrui o que fez, este fenômeno acaba por ser passado como algo já implementado, que afeta muitos sujeitos, os excluindo de processos sociais, os deixando sem perspectiva.

Como já mencionamos um elemento que pode levar para a alienação é o trabalho, pois se o sujeito trabalha cada vez mais e não aproveita o que produz, ele acaba por ser engolido pelo sistema capitalista onde poucos ganham muito dinheiro e muitos vivem com uma pequena parcela de dinheiro.

Vásquez (2010) descreve, que para Marx, a atividade humana é o trabalho, e que pode levar a alienação

A objetivação serviu ao homem para elevar-se do natural ao humano; a alienação faz com que o homem percorra essa mesma direção em sentido inverso, e nisso consiste precisamente a degradação do humano. No marco das relações econômico-sociais que têm como fundamento a propriedade privada capitalista, o homem não mais se reconhece nos produtos de seu trabalho, em sua atividade, nem em si mesmo. (VÁSQUEZ, 2010, p. 53)

O estranhamento do ser humano em relação ao trabalho e a si mesmo é o que podemos chamar de alienação. Quando ele fabrica um carro, mas não consome dele, o trabalho perdeu

a função para ele, é um produto criado pelo sujeito que não é aproveitado por ele e sim por outros que possuem condições de aproveitar o produto.

A partir disso, podemos relacionar os dois tipos de pensamento com a arte, entendemos a arte também como um trabalho, já que é uma atividade humana na qual o homem expressa seus sentimentos

O trabalho, portanto, não é apenas criação de objetos úteis que satisfazem determinada necessidade humana, mas também o ato de objetivação e plasmação de finalidades, ideias ou sentimentos humanos num objeto humano material concreto-sensível. Nessa capacidade do homem de materializar suas “forças essenciais”, de produzir objetos materiais que expressam sua essência, reside a possibilidade de criar objetos materiais que expressam sua essência, reside a possibilidade de criar objetos como as obras de arte, que elevam a um grau superior a capacidade de expressão e afirmação do homem explicitada já nos objetos de trabalho. (VÁSQUEZ, 2010, p. 61)

O trabalho não é somente a construção de ferramentas que, por exemplo, irão suprir alguma necessidade que tenhamos, é mais que isso, é o que o homem produz em geral, pode ser um objeto que tenha uma carga simbólica e sensível. A arte é o produto fruto do trabalho humano, é uma atividade onde o sujeito coloca sua essência. Transforma um pensamento em algo objetivo e real, que expressa o que ele pensa e é compreendido pelos outros.

A arte é resultado do trabalho, o sujeito consegue mostrar sua sensibilidade através dos objetos, ele consegue transformar algo subjetivo em um produto sensivelmente concreto, carregado de significados para ele e para as demais pessoas.

Para Marx, arte e trabalho são naturais do ser humano, a diferença é que no trabalho é o período em que o homem está cumprindo suas obrigações, momento em que encontra dificuldades, sofrimento etc, já na arte é o contrário, ele encontra na atividade artística o sentimento de felicidade.

Arte e trabalho se assemelham, pois, mediante sua comum ligação com a essência humana; isto é, por ser atividade criadora mediante a qual o homem produz objetos que o expressam, que falam dele e por ele. Entre a arte e o trabalho, portanto, não existe a oposição radical que a estética idealista alemã supunha; para ela, o trabalho se encontra sujeito à mais rigorosa necessidade vital, ao passo que é a arte é a expressão das forças livres e criadoras do homem. Por outro lado, tal estética levantava uma muralha infranqueável entre as duas atividades em virtude de seus efeitos opostos: dor e sofrimento, os do trabalho; alegria e prazer, os da arte. (VÁSQUEZ, 2010, p. 61)

Porém, não podemos afirmar que todo o trabalho gere sofrimento, nem que toda a arte traga alegria, até mesmo porque nem todas as pessoas terão acesso ao produto artístico, estas irão acabar por alienarem-se devido a este fato. Entendemos que tanto o trabalho quanto a arte

são vitais na vida do ser humano, o produto que ele criar mostra muito dele como sujeito, é o momento em que usa de sua inteligência para criar objetos, sejam eles materiais ou simbólicos.

A arte talvez seja a melhor forma de expor um ponto de vista, devido ao seu caráter intimista, a sensibilidade do homem lhe proporciona fazer uma compreensão simbólica de um assunto.

A arte é importante instrumento de reprodução do ser social. Expressamos – através do traço, da cor, do som, dos gestos – sentimentos, valores, hábitos, costumes, indignações, paixões, modos de ver o mundo, a vida, a nós mesmos e materializamos na pintura, na dança, na culinária, na escultura, na dramatização, na arquitetura, na música, nossas objetivações, em parte histórica e socialmente construídas, em parte histórica e socialmente determinadas, possibilitando que sejam apreendidas pela razão e sensibilidade do outro.... (PRATES, 2007, p. 224).

Isto é, a arte é toda forma de expressão, que é parte de um pensamento, ou seja, subjetivo, mas que torna-se objetivado no momento em que fazemos desse pensamento uma ação real.

Nossas objetivações são concretizadas na arte, os fatores históricos e sociais que regem nossas vidas são aglutinados na expressão artística, o que o artista expõe sensibiliza as outras pessoas que se identificam com a obra, e não somente isso, elas experimentam a arte, que pode possibilitar a construção da realidade dela. O que queremos dizer é que a reflexão leva a uma compreensão simbólica.

O sujeito quando cria algo, como, por exemplo, uma expressão artística, ele se integra aos contextos sociais.

Para que possa desenvolver qualquer forma de atividade humana, ele necessita anteriormente apropriar-se da humanidade produzida historicamente, das objetivações do gênero humano, das objetivações dos antepassados que deixaram o legado da cultura humana desenvolvida até esse ponto (VIEIRA, 2011, p. 3).

Entendemos que a criação do homem é baseada no seu conhecimento do mundo, seja algo que lhe foi apresentado agora, ou se foi um elemento já presente que nem foi criado por ele, e sim por outros sujeitos antes, mas que servem de referência para si na hora de criar, a arte é reprodução social, os elementos concretos que ele conhece, são expressados nas obras que produz.

A arte consegue atingir o sujeito, que muitas vezes se identifica com a obra “Essa música é a minha cara!”, a arte consegue possibilitar que o sujeito tenha uma compreensão

simbólica de questões do cotidiano “Esse filme é uma crítica aos valores morais da nossa sociedade!”.

Os exemplos dados acima são amostras de que a arte pode sensibilizar as pessoas. A arte mostra as vivências do artista e também é interpretada por outros sujeitos, porém, não é somente uma perspectiva crítica de análise que ela proporciona, ela pode refletir a alienação do artista e também pode alienar outros sujeitos

A arte, portanto, expressa valores e concepções históricas, modos de vida, sentidos e significados atribuídos aos fenômenos pelos sujeitos que os vivenciam e interpretam. Contudo, se expressa objetivações, expressa também processos de alienação que compõem estas subjetividades (PRATES, 2007, p. 224).

Neste caso, a arte reflete também a realidade, mas a compreensão simbólica ocorre de um jeito diferente, é preciso que haja uma compreensão simbólica de um assunto pelo artista, e também do outro sujeito que precisa interpretar. Mas se o sujeito não possui a sensibilidade para absorver a arte, ele não fará uma reflexão sobre ela.

Ora, Marx já dizia nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* que o olho que não aprende a ver não enxerga, que para o ouvido não-musical a mais bela música não tem sentido. E ressaltando a importância dos sentidos, destacava que o homem se afirma no mundo objetivo não apenas no pensar, mas também com todos os sentidos (PRATES, 2007, p. 224).

Este pensamento de Marx é fundamental para explicar o que havíamos dialogado no parágrafo anterior, se o indivíduo não se identifica com a arte, se ele não considera isso algo relevante para a vida dele, de nada vai servir, não será possível construir um pensamento crítico.

A arte é uma forma de o ser humano se expressar, mostrar que está feliz, que está triste, que está incomodado com algo e etc. É a maneira de mostrar que ele tem sensibilidade, que está em constante interação com o que acontece com o mundo. Por vezes, através de uma obra, o artista consegue “tirar as dores de muitos outros sujeitos”, o que ele expressa acaba por valer para muitas pessoas, essa é a grande magia da arte, sensibilizar sujeitos.

Na lógica capitalista, quem possui mais recursos tem um leque de opções muito maior de atividades ao qual pode aproveitar, como, por exemplo, a apreciação da arte, que entendemos também que pode ser considerado como um momento de lazer.

Logicamente, a arte por ser um produto fruto do trabalho também está envolvida pelo capitalismo.

O capitalismo tende a integrar a produção artística no âmbito da produção material, sujeitando-a às suas leis, mas isto não significa que esta tendência se imponha plenamente ou numa escala considerável. Se fosse assim, a hostilidade à arte se transformaria numa ameaça mortal à sua existência, como se evidencia nos casos em que a criação artística se acha submetida à lei da produtividade capitalista (VÁSQUEZ, 2010, p. 204).

Esta citação é emblemática porque ela fala de como a arte se relaciona com o capitalismo, seja entrando em seu ritmo, ou se afastando dele. Alguns artistas resistem o máximo possível para não serem manipulados pelo capitalismo e tentam manter a originalidade estética de sua obra. Porém, no momento em que a arte se vende, ela deixa de possuir seu sentido, que é de expressão do artista e torna-se um produto das massas, com o intuito de venda e de lucro. A sua estética é voltada para que agrade os outros sujeitos que irão usufruir dela (comprá-la).

Entendemos que a arte, por vezes, perde seu sentido quando ela acaba por ser manipulada pelo capitalismo, podendo assim se tornar um objeto alienado que perde seu sentido inicial de expressão e torna-se um produto que foi construído nas mesmas condições de um produto material.

Concluídas as discussões acerca deste capítulo, sobre Revolução e Indústria cultural, e formas de pensamento, iremos então finalmente apresentar o capítulo que contém os resultados da nossa pesquisa, desta forma, poderemos comprovar ou não nossas hipóteses.

4 O DISCURSO DAS MÚSICAS DOS ENGENHEIROS DO HAWAII E O TIPO DE CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

Neste capítulo iremos abordar diversos itens, o problema e as hipóteses, a metodologia onde nós descreveremos os procedimentos metodológicos que utilizamos para a realização do trabalho, o objeto de pesquisa, que neste caso é a banda Engenheiros do Hawaii e as quatro músicas selecionadas, e por fim apresentaremos os resultados da pesquisa que realizamos.

4.1 Problema e hipóteses

Na fase do projeto, queríamos saber como as músicas dos Engenheiros do Hawaii podem ser importantes na formação da realidade social. Utilizamos a perspectiva de Berger e Luckmann (1996)¹ para o nosso conceito de realidade social.

Nossa realidade é a maneira como nossa consciência subjetiva alguma coisa, primeiro subjetivamos, e depois objetivamos, ou seja, tomamos uma ação em um ciclo que se retroalimenta cotidianamente, ou seja, se constrói através da rotina, das relações que temos com as outras pessoas. A partir deste conceito, construímos nosso problema que é: **Qual a construção da realidade Social gerada pelas músicas dos Engenheiros do Hawaii?** Para respondê-lo, criamos duas possíveis hipóteses.

4.1.1 Ponto de vista crítico

Postulamos que a realidade social, a partir das músicas, é construtora de um ponto de vista crítico. A reflexão da letra pode vir a gerar mudanças de atitude na sociedade, onde o sujeito possa sair de um estado de conformismo e agir de forma diferente. A experimentação da realidade ocorre através da música de maneira que estimule o sujeito em suas ações. Além disso, as letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii irão constituir-se em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas, e pode nos permitir perceber a realidade e nos provocar inquietação.

¹ Conforme capítulo 2: A construção social da realidade

4.1.2 Ponto de vista alienado (não crítico)

Postulamos que a realidade social a partir das músicas é construtora de um ponto de vista alienado (não crítico). A reflexão musical não sugere nenhuma possibilidade de mudança. A forma de experimentação da realidade através da reflexão das músicas é diferente, pois não se apodera da realidade de maneira crítica. Além disso, as músicas refletem de certa forma a realidade, mas não estimulam uma atitude crítica, apresentam a realidade de forma acomodada, e o teor das letras apresenta um pensamento individualista. A visão de mundo apresentada nessas músicas é distorcida, com características de perfeição e felicidade absoluta, onde percebe-se, o sentimento de egoísmo, como se o indivíduo fosse o centro do mundo.

4.2 Metodologia

Iremos agora apresentar os procedimentos metodológicos utilizados na perspectiva de comprovar ou não as hipóteses formuladas. Utilizamos de dois procedimentos para obter dados empíricos para a discussão de nossa problemática de pesquisa:

1º A formulação de um questionário e sua aplicação, a partir do software Google Docs, em membros de um fã clube dos Engenheiros do Hawaii.

2º Realizamos a análise do discurso de quatro letras da banda a partir da metodologia de Fairclough (2008).

Agora iremos apresentar o detalhamento de nossos procedimentos.

4.2.1 Questionário

Para realizar nossa pesquisa utilizamos o questionário que segundo Lakatos e Marconi, consiste em:

Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistado. Em geral, o pesquisador envia o questionário ao informante, pelo correio ou por um portador; depois preenchido, o pesquisado devolve-o do mesmo modo (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 203).

Uma das vantagens do questionário é a sua praticidade, podemos citar a economia de tempo que ele proporciona, já que ao ser enviado ele atinge um grande número de pessoas

sem que o pesquisador precise viajar para conseguir obter os dados. Ele consegue alcançar diferentes regiões geográficas. Outro fator importante é que diminui o número de pessoas que ajudam na aplicação da pesquisa.

Entre as desvantagens do uso do questionário podemos citar que são poucos questionários respondidos que retornam, além disso, questões que não foram compreendidas pelos participantes não podem ser esclarecidas pelo pesquisador. Também não é possível saber se quem respondeu o questionário foi realmente a pessoa selecionada e se quem respondeu foi sincero.

A construção do questionário é extensa, o pesquisador precisa ter o cuidado de formular perguntas que possibilitem que os dados coletados sejam úteis para a pesquisa, ele também não pode ser muito longo para não cansar o participante e também não pode ser curto demais, pois dessa forma pode haver o risco de as respostas serem insuficientes.

Em nosso caso, as perguntas foram classificadas como de escolha única, só é possível escolher uma resposta. Cada pergunta possui cinco alternativas de resposta. Quatro delas são respostas prontas, e uma o participante pode responder com suas palavras a sua opinião sobre o assunto perguntado.

As perguntas eram relacionadas às quatro músicas que escolhemos, queríamos saber o que elas representam para as pessoas; além disso, havia duas perguntas que não faziam questionamentos sobre alguma canção específica. Por critério de seleção foram utilizadas as canções mais famosas de quatro álbuns diferentes e também por afinidade nossa com as canções. Conforme o nosso problema: **Qual a construção da realidade social gerada pelas músicas do Engenheiros do Hawaii?** Queremos demonstrar a percepção de como os participantes da pesquisa constroem a realidade a partir da experimentação da letra da música.

Primeiramente construímos as perguntas baseadas em nossas hipóteses, as cinco primeiras perguntas são sobre o tipo de construção da realidade que a música proporciona, já as cinco últimas são sobre o tipo de análise que a música possibilita, nos quadros a seguir apresentamos os elementos constitutivos das hipóteses, e como eles foram distribuídos nas perguntas.

Quadro 1: Tipo de construção da Realidade

Tipo de construção da Realidade: **Crítica**

- (1) A reflexão da letra pode vir a gerar mudanças de atitude na sociedade.
- (2) A experimentação da realidade ocorre através da música de maneira que estimule o sujeito em suas ações.

Tipo de construção da Realidade: **Alienada (não crítica)**

- (3) A reflexão musical não sugere nenhuma possibilidade de mudança.
- (4) A forma de experimentação da realidade através da reflexão das músicas é diferente, pois não se apodera da realidade de maneira crítica.

Quadro 2: Tipo de análise

Tipo de análise: **Crítica**

- (1) As letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii vão constituir-se em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas.
- (2) A música pode nos permitir perceber a realidade e nos provocar inquietação.

Tipo de análise: **Alienada (não crítica)**

- (3) As músicas refletem de certa forma a realidade, mas não estimulam uma atitude crítica, e o teor das letras apresenta um pensamento individualista.
- (4) A visão de mundo apresentado nessas músicas é distorcida, com características de perfeição e felicidade absoluta.
- (5) Percebe-se o sentimento de egoísmo, como se o personagem fosse o centro do mundo.

Depois que formulamos o questionário, nós o disponibilizamos através do software Google Docs. Enviamos os questionários aos participantes do fã-clube, as pessoas que fazem parte desses grupos normalmente possuem maior conhecimento a respeito do conteúdo das letras, que é o que estudamos no trabalho.

Foram enviadas entrevistas via internet para o Fã Clube Engenheiros do Hawaii do Facebook, que possui mais de 12 mil seguidores. Os participantes teriam que responder todas as perguntas, e só poderiam escolher uma resposta. Tivemos cinquenta e quatro questionários respondidos. O questionário está disponível na parte dedicada aos anexos.

4.2.2 Análise do discurso

Para nosso segundo procedimento metodológico, utilizamos Fairclough (2008) ao analisar as letras e respostas.

O que se segue não deve ser considerado como um esquema, pois não há procedimento fixo para se fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras, de acordo com a natureza específica do projeto e conforme suas respectivas visões do discurso (FAIRCLOUGH, 2008, p. 275).

O autor nos permite adaptar sua análise, pois não há um método fechado de se trabalhar. Fairclough (2008, p. 282) trabalha com a análise das práticas discursivas, a análise dos textos e também a análise da prática social, como entendemos em sua obra. Destes tipos de análise ele apresenta vários elementos. Para ele, a análise de discurso pode ser realizada a partir de dezenove elementos que possibilitam buscar perceber o sentido possível do discurso. Nós selecionamos de seu método alguns elementos, eles foram escolhidos porque como nosso discurso é uma letra, nós queríamos identificar o sentido de construção de realidade, e os elementos como ethos, transitividade, tema, metáfora, matriz social do discurso, ordens do discurso, e efeitos ideológicos nos permitem enxergar isso em nossas hipóteses. Iremos descrever os elementos e mostrarmos a importância deles para nossa análise. Iniciamos com o elemento Ethos, mencionado por Fairclough (2008, p. 209): “O conceito de *Ethos* constitui um ponto de vista no qual podemos unir as diversas características, não apenas do discurso, mas também do comportamento em geral, que levam a construir uma versão particular do “eu””.

Este elemento foi selecionado, pois nos permite focar na música para compreender como é construído o sujeito e isto nos permitirá discutir nossa hipótese sobre uma postura alienada ou crítica do sujeito participante do fã-clube.

Em seguida nós utilizamos do elemento Transitividade:

O objetivo é verificar se tipos de processo e participantes particulares estão favorecidos no texto, que escolhas de voz são feitas (ativa ou passiva) e quão significantes é a nominalização dos processos. Um maior interesse está na agência, na expressão de causalidade e na atribuição de responsabilidade (FAIRCLOUGH, 2008, p. 287).

É um elemento importante porque podemos analisar quem são os sujeitos presentes na música, se eles são participantes ou se estão somente narrando o fato. Através desse elemento podemos verificar qual é o posicionamento dos participantes do discurso perante nossas hipóteses, se eles assumem uma postura crítica ou alienada.

Em seguida trabalhamos com o Tema:

O tema é o ponto de partida do(a) produtor(a) do texto numa oração e geralmente corresponde ao que pode ser considerado (o não significa que realmente seja) ‘informação dada’, isto é, informação já conhecida ou estabelecida para os produtores e intérpretes do texto (FAIRCLOUGH, 2008, p. 227).

O tema identifica a relação de assuntos que o discurso apresenta. Permite perceber a unidade discursiva do texto nos apresentando a totalidade que perpassa as diferentes passagens do discurso. É importante para a música porque o tema irá nos permitir ter percepção de identificar as variáveis de nossas hipóteses, se a música possui uma postura crítica ou alienada.

Na análise, ao trabalhar com a Metáfora, buscamos saber se elas se aplicam, não tratando somente da melodia ou simplesmente serve para rimar, mas sim o que ela quer dizer, qual seu verdadeiro sentido.

Quando nós significamos coisas por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra. As metáforas estruturam o modo como pensamos e o modo como agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental (FAIRCLOUGH, 2008, p. 241).

A metáfora é importante porque ela é um elemento que organiza nossa forma de pensar, dessa forma também arranja a construção da realidade, e esse é a importância dela para a música, para saber se realidade está sendo construída de um ponto crítico ou alienado como apontam nossas hipóteses. Em seguida trabalhamos na análise com a Matriz Social do discurso:

O objetivo é especificar as relações e as estruturas sociais e hegemônicas que constituem a matriz dessa instância particular da prática social e discursiva; como essa instância aparece em relação a essas estruturas e relações (é convencional e normativa, criativa e inovadora, orientada para reestruturá-las, opositivas, etc.); e que efeitos ela traz, em termos de sua reprodução ou transformação? (FAIRCLOUGH, 2008, p. 289).

Este elemento é importante para termos a percepção de como as relações sociais estão dentro do discurso. A matriz social do discurso expressa os contextos sociais em que o discurso é construído. É importante para a música porque através desse elemento iremos identificar as estruturas sociais que estão presentes na letra, conseguiremos perceber que ponto de vista de nossas hipóteses (crítico ou alienado) é estabelecido através das relações sociais e que se aparecem no discurso. Logo trabalhamos com as Ordens de Discurso, e, de acordo com Fairclough (2008, p. 290), “O objetivo é especificar o relacionamento da instância da prática social e discursiva com as ordens de discurso que ela delinea e os efeitos de reprodução e transformação das ordens de discursos para as quais contribui”.

Buscamos descobrir qual a interação entre a relação social e o discurso, o que um pode modificar no outro. É importante para a análise da música porque podemos perceber como se dá a formação de um discurso, no nosso caso, como a letra expressa as práticas sociais, que resultam na reprodução e construção da realidade a partir de um ponto de vista. E por último, trabalhamos os Efeitos Ideológicos e Políticos do Discurso, ou seja:

...a concepção de que a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos (FAIRCLOUGH, 2008, p. 119).

As ordens do discurso carregam efeitos ideológicos, que se reproduzem na estrutura social, carregamos uma bagagem cultural e histórica, nós vamos absorvendo conhecimento, há fatores históricos que já existiam antes de nosso surgimento. Também iremos adquirir conhecimento com a passar do tempo. Ou seja, há fatores sociais que se relacionam conosco sem que tenhamos o que fazer a respeito, e há também fatores que nós moldamos, como a relação com nossos amigos por exemplo.

Este elemento é importante porque iremos identificar na música se há fatores que se expressam no discurso da letra que se configuram em nossas hipóteses.

4.3 Objeto de pesquisa

Iremos trazer agora um breve histórico da banda. Em seguida contextualizaremos as músicas que escolhemos para fazermos as análises. Como critério de seleção, as músicas *Toda Forma de Poder* e *O Papa é Pop* foram escolhidas pelo motivo de estarem entre as mais tocadas na época do lançamento nas rádios FM de Pop Rock do Brasil, segundo o site Som do Rádio². As músicas *3x4* e *Até o Fim* foram escolhidas por questão de afinidade estética com o pesquisador.

4.3.1 A banda

De acordo com o site³ da banda, ela nasceu no ano de 1984 na cidade de Porto Alegre, formada por estudantes de Arquitetura. Humberto Gessinger explica como a banda surgiu:

No fim de 1984 rolou uma greve que fez as aulas se estenderem janeiro adentro. Sem muito que fazer no verão porto-alegrense, a estudantada inventava atividades paralelas: exposições, festas, happenings... . Numa dessas, me juntei a três colegas para fazer um show no auditório da faculdade (GESSINGER, 2010, p. 15 apud PINHEIRO, 2013, p. 4).

Os colegas a quem Humberto se referia eram Marcelo Pitz no baixo, e Carlos Maltz na bateria. O nome da banda surgiu de uma brincadeira dos estudantes de arquitetura, esses implicavam com o pessoal que cursava Engenharia e os chamavam de Engenheiros do Hawaii porque alguns desses estudantes usavam calções de surf. Desta forma ocorreu a primeira apresentação da banda.

Enquanto na sexta feira do 11 de janeiro de 1985 iniciava-se o *Rock in Rio*, em Porto Alegre três jovens preparavam-se para seu primeiro show. Seus colegas da faculdade receberam aquele trio entusiasticamente. O repertório variava entre “Lady Laura”, de Roberto Carlos, *jingles* de chocolates e extratos de tomate e até o tema do seriado “Hawaii 5.0”, juntamente com duas músicas, tocadas em ritmo de *reggae* (FRANZ, 2007, p. 12).

Desta apresentação com um repertório totalmente diverso, nasceu a banda. Isso já indicava que ela teria várias influências. Humberto trouxe para os Engenheiros uma mistura de sons, desde música brasileira, como a Bossa Nova até o rock progressivo. Além disso, fazem parte do universo das músicas reflexões sobre importantes pensadores como Camus.

² Site do Som do Rádio. Disponível em: <http://www.somdoradio.com>

³ Site dos Engenheiros do Hawaii. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/>

Durante sua trajetória, a banda agregou ainda outros estilos musicais como Ska, estilo que antecedeu o Reggae. Nas músicas dos Engenheiros também aparecem influências da música regionalista gaúcha que, por exemplo, tem na gaita um dos instrumentos principais do gênero, e que está em composições da banda. A banda inclusive chegou a regravar músicas tradicionalistas, como, por exemplo, o cover de “Herdeiro da Pampa Pobre”, do músico Gaúcho da Fronteira. Essa música é do disco *Várias Variáveis*.

A banda não era a única, mas era uma das poucas bandas de rock dos anos 80 fora do eixo Rio-São Paulo-Brasília. O chamado BRock que era o movimento de músicos dos anos 80 que tocavam rock tinha entre suas grandes bandas a Legião Urbana, Capital Inicial, Barão Vermelho etc.

Das bandas que fizeram parte do movimento conhecido como BRock – união do nome do ritmo musical *Rock* com as duas primeiras letras da palavra Brasil em maiúsculo, indicando um movimento de músicos que tocavam rock no país nos anos 1980 -, com certeza uma das mais originais foi o conjunto gaúcho Engenheiros do Hawaii. A banda, que atingiu seu auge em sucesso e vendas no início dos anos 90, foi formada por Humberto Gessinger (guitarra, voz e letras), Carlos Maltz (bateria), e Marcelo Pitz (contrabaixo), que em 1986 foi substituído pelo guitarrista Augusto Licks, ao final de 1984 na cidade de Porto Alegre (ALMEIDA, 2013, p. 1).

A banda logo despertou interesse pelas suas canções, mas ela ainda não havia chamado tanto a atenção para fora do Rio Grande do Sul. No primeiro disco *Longe Demais das Capitais* já era destacado o fato de estar fora do eixo, “longe demais das capitais”. Gessinger não gosta de enquadrar os Engenheiros em um modelo, como ele mesmo fala. De acordo com Ávila; Bastos e Müller (2001, p. 66): “Se fosse pra entender alguma coisa da história dos Engenheiros, seria o lance individual, de não fazer parte de nenhuma panela. Mas não por arrogância: por necessidade artística mesmo. Acho que é assim que se infiltra o muro”.

De acordo com Franz (2007), mesmo com a qualidade de letras e melodias da banda, ela ainda não conseguia ser vista para além da região sul. Ainda não era percebida como as outras bandas do rock brasileiro. Os Engenheiros do Hawaii eram apenas considerados dentro da sua região de origem, e não para o Brasil todo. Por vezes, abriam shows de outras bandas que já possuíam influência e eram consagradas por todo o país. Contudo, ao se apresentarem em shows de bandas conhecidas no Brasil, o público começou a perceber o valor do grupo e isso os se mostrou para o mundo.

O disco mais bem sucedido da banda foi *O Papa é Pop* (1990), que, segundo o site Dicionário MPB⁴, vendeu aproximadamente quatrocentas mil cópias. Este foi o ano da afirmação no cenário nacional como uma grande banda.

O ano de 1990 foi um marco na carreira dos Engenheiros, pois foi quando lançaram o quinto e estrondoso LP: *O Papa é Pop*. Com este disco os Engenheiros subiram ao patamar de melhor banda de rock do Brasil, vendendo mais de 350 mil cópias, e trouxeram sucessos como “O Papa é Pop”, “Exército de um Homem Só”. Era um Garoto Que Como Eu Amava os Beatles e os Rolling Stones” (coincidentemente ou não lançada em época de guerra, é uma música *cover* do grupo da Jovem Guarda, Os Incríveis), “Pra ser Sincero” e “Perfeita Simetria” (FRANZ, 2007, p. 15)

O disco é possui vários clássicos, e o estilo musical dele também é distinto. Esteticamente ele possui um som mais limpo, e foi gravado com bateria eletrônica. Com todo o sucesso do disco, a banda se apresentou no segundo *Rock in Rio*. Estranho é que no Brasil a banda não foi elogiada, porém, até mesmo o Jornal The New York Times se rendeu ao talento de Humberto e Companhia.

Em 2008, depois de mais de vinte anos de história, a banda decide fazer uma pausa por tempo indeterminado na carreira. Contudo, não foi divulgado nenhum motivo para a separação.

Ao longo da carreira a banda lançou dezenove discos, sendo eles: *Longe Demais das Capitais* (1986), *A Revolta dos Dândis* (1987), *Ouçã o que eu digo: Não ouçã ninguém* (1988), *Alívio Imediato* (Ao vivo, 1989), *O Papa é Pop* (1990), *Várias Variáveis* (1991), *Gessinger, Licks & Maltz* (1992), *Filmes de Guerra, Canções de Amor* (Ao vivo, 1993), *Simples de Coração* (1995), *Humberto Gessinger Trio* (1996), *Minuano* (1997), *!Tchau Radar!* (1999), *10.000 Destinos* (Ao vivo, 2000), *10,001 Destinos* (Ao vivo, 2001), *Surfando Karmas & DNA* (2002), *Dançando no Campo Minado* (2003), *Acústico MTV* (ao vivo, 2004) e *Novos Horizontes* (ao vivo, 2007).

Os Engenheiros do Hawaii conquistaram um grande número de fãs dentro e fora do Rio Grande do Sul. Contudo, houve diversos obstáculos para chegar até aonde chegaram, para conseguirem o seu espaço dentro do rock brasileiro. Atualmente a banda é conhecida em todos os cantos do Brasil.

⁴ Site do Dicionário MPB. Disponível em: www.dicionariompb.com.br

4.3.2 Contextualização histórica das músicas

Fizemos a contextualização histórica das músicas, nós dividimos em duas partes que iremos apresentar em quadros: 1986-1990 e 1999-2003. Há um intervalo de nove anos que separam os períodos que não iremos contextualizar. Nós pegamos somente essas duas épocas pelo motivo de que almejávamos explicá-los a partir de Hobsbawm.

Quadro 3 – Período: 1986-1990

Música	Disco	Ano
Toda Forma de Poder	Longe Demais das Capitais	1986
O Papa é Pop	O Papa é Pop	1990

Toda Forma de poder e O Papa é Pop: A música Toda Forma de Poder é do primeiro disco da banda, lançado em 1986, mostra o reflexo do que acontecia em países de terceiro mundo naquela época.

As condições para a intervenção militar no Terceiro Mundo eram muito mais convidativas, sobretudo nos novos, fracos e muitas vezes minúsculos Estados onde umas poucas centenas de homens armados, reforçados ou às vezes até substituídos por estrangeiros, podiam ter peso decisivo, e onde era provável que governos inexperientes ou incompetentes produzissem recorrentes estados de caos, corrupção e confusão (HOBSBAWM, 1994, p. 342).

Isto é uma análise da situação de países como, por exemplo, da América do Sul e África, focando no Brasil. Nesse período o país estava passando por um período de transição. Em 1984, através do apelo das “Diretas Já”, o país estava se livrando do regime ditatorial e alcançando a democracia. Porém, ainda era um período de inseguranças e incertezas.

Inicialmente, a transição do poder para um governo civil foi recebida pela sociedade como uma nova etapa no desenvolvimento político do País e algo próximo da ruptura total com o passado. Poderíamos citar dezenas de declarações de políticos e da imprensa que ilustram muito bem esse quadro. É evidente, entretanto, que as mudanças que realmente tiveram lugar na prática ficaram longe do radicalismo (SOSNOVSKI, 1989, p. 100).

O processo de democratização não foi radical e nem instantâneo, o percurso foi lento, a música está inserida nesse contexto político, pois se aborda muito as questões políticas.

Pensando sobre o contexto de produção da música, em 1986, o mercado musical estava a plenos pulmões devido ao Plano Cruzado. Como indica Piccoli (2008, p. 94), “O mercado da música jovem continuava aquecido, graças ao Plano Cruzado, lançado em

fevereiro daquele ano pelo então ministro da fazenda Dílson Funaro, que congelou os preços e provocou uma explosão de consumo”.

Essa foi a chance para que muitas outras bandas lançassem seus trabalhos, os jovens consumiam muito da indústria musical, o rock era adorado por eles, neste período surgiram muitas outros grupos, que logo já gravavam suas músicas, foi um período fértil do Rock no Brasil.

Quando a canção o Papa é Pop foi lançada, em 1990, o mundo estava passando por uma explosão de surgimentos de novos ídolos, que logo em seguida eram esquecidos. Além disso, o mundo passava por um período de incerteza econômica.

Entre 1990 e 1993, poucas tentativas se fizeram de negar que mesmo o mundo capitalista desenvolvido estava em depressão. Ninguém afirmava a sério saber o que fazer a respeito, além de esperar que aquilo passasse. Apesar disso, o fato fundamental das décadas de crise não é que o capitalismo não mais funcionava tão bem quanto na Era de Ouro, mas que suas operações haviam se tornado incontroláveis (HOBSBAWM, 1994, 398).

No início dos anos noventa até mesmo os países ricos estavam passando por dificuldades, o capitalismo estava fora de controle, as pessoas consumiam cada vez mais, no Brasil o congelamento dos preços que citamos em 1986 havia ido para o espaço, a dificuldade agora era combater a inflação. Nesse momento não estava fácil de vender discos, porém, os Engenheiros conseguiram de certa maneira “driblar” a crise.

Para além da crise econômica, havia crescentes suspeitas de corrupção no governo Collor. Mesmo assim, esses problemas não foram suficientes para que algumas bandas deixassem de acreditar no futuro. Legião Urbana fez sucesso com o disco *As Quatro Estações*, e um grupo fora do eixo Rio-São Paulo surgiu com tanta força que o disco *O Papa é Pop* [*O papa é pop! / O papa é pop! / O pop não poupa ninguém / O papa levou um tiro / A queima-roupa / O pop não poupa ninguém*] emplacou pelo menos cinco hits. Eram os Engenheiros do Hawaii (PICCOLI, 2008, p. 126).

Interessante que Engenheiros e Legião Urbana lançaram no ano em que o Brasil estava em dificuldades econômicas as suas obras de maior sucesso, isso mostra que mesmo em um período de dificuldades financeiras, o Rock foi muito bem representado por essas bandas. Se o Papa é Pop, os Engenheiros também são. Com as músicas 3x4 e Até o Fim, conforme quadro abaixo, a banda entra em outra época histórica.

Quadro 4 – Período: 1999-2003

Música	Disco	Ano
3x4	!Tchau Radar!	1999
Até O Fim(2003)	Dançando no Campo Minado	2003

3x4 e Até o Fim: A música 3x4 é do final dos anos noventa, do disco !Tchau Radar! E a música Até o fim é da primeira metade dos anos dois mil do álbum Dançando no Campo Minado, período em que o mundo passava por mudanças, durante esse período o indivíduo transformava a forma de interagir nas relações sociais, é uma época em que o sujeito está modificando os padrões de comportamento, por exemplo, no final dos anos noventa a internet estava se popularizando inclusive em países mais pobres, com o decorrer do tempo isso implicou em novas formas das pessoas se relacionarem, tornando as pessoas mais independentes perante os outros.

A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais. Pois essas texturas consistiam não apenas nas relações de fato entre seres humanos e suas formas de organização, mas também nos modelos gerais dessas relações e os padrões de comportamento das pessoas umas com as outras; seus papéis eram prescritos, embora nem sempre escritos. Daí a insegurança muitas vezes traumática quando velhas concepções de comportamento eram derrubadas ou perdiam sua justificação; ou a incompreensão entre os que sentiam essa perda e aqueles que eram jovens demais para ter conhecido qualquer coisa além da sociedade anômica (HOBBSAWM, 1994, p. 328).

Essa época representa o sujeito que torna-se independente, ele se desprende de padrões de comportamento. É um momento de transição, as transformações que estão acontecendo com ele refletem em toda a sociedade, ele está modificando as relações sociais, se desprendendo das formas antigas de se relacionar com a sociedade.

No início do milênio o mundo enfrentou problemas. Os anos dois mil mal começaram e já foi possível perceber que a década seria conturbada, em 2001 a queda das torres gêmeas de Nova York, em 2003 os Estados Unidos invadem o Iraque com o “propósito” de libertar o país de Saddam Hussein.

Abordando o Rock no Brasil, quem mais obteve destaque foram o Charlie Brown Jr., que eram remanescentes dos anos 90, e também a nova musa do Rock: Pitty. De acordo com Piccoli (2008, p. 195), “No meio de tanto marmanjo de Bermuda, o novo rock ganhou uma

musa: Pitty, que veio da Bahia. Não da Bahia que tocava axé, e sim da Bahia de Raul Seixas e do Camisa de Vênus”.

Pitty se diferenciou no rock nacional, ganhou seu lugar dentro de um estilo predominantemente masculino, lançou em 2002 o disco Admirável Chip Novo que estoura e consagra a artista. Os Engenheiros estavam um tanto quanto encolhidos, da mesma forma que as outras bandas mais antigas, a música Até o Fim faz parte do último disco de estúdio da banda.

4.4 Discutindo as hipóteses: análise do discurso das letras

Iremos realizar a análise do discurso das músicas dos Engenheiros do Hawaii, pois para nós elas são unidades discursivas e nos ajudam a discutir nossas hipóteses. Utilizaremos o método de Fairclough, e faremos uma adaptação na análise. Iremos alguns elementos textuais do método.

4.4.1 O discurso de “Toda forma de poder”

No discurso da música Toda Forma de Poder (em anexo) percebemos que trata-se da fala de um sujeito sobre o que as relações de poder podem trazer as pessoas, como por exemplo violência e alienação.

Iremos realizar a análise das músicas a partir de dois níveis de análise. Primeiro verificar os seguintes elementos textuais: Ethos, Transitividade e Tema com base em Fairclough para caracterizar a perspectiva crítica geral utilizada e em segundo, a possível relação desta crítica realizada pela música com a construção da realidade social.

Em segundo, iremos então tentar perceber elementos que conectem a crítica à construção da realidade social, novamente utilizando de alguns elementos de análise textual do autor, que são eles: metáfora, matriz social do discurso, ordens do discurso e efeitos ideológicos e políticos do discurso.

No primeiro nível: verificamos que a Ethos do discurso utilizado na música, apresenta um sujeito principal (autor) que questiona as relações de poder, ele faz críticas a forma violenta como essas relações acontecem, além disso, as pessoas estão sujeitas a manipulação e alienação. A identidade social trabalhada é da reprodução da violência, como por exemplo, neste trecho:

E eu começo a achar normal
 Que algum boçal
 Atire bombas na embaixada [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1986)

Percebemos também que a transitividade do discurso contém o autor falando em voz pessoal, ele se enquadra dentro do discurso quando utiliza o pronome “Eu”, por exemplo, no trecho:

Eu presto a atenção [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1986)

Entendemos que as ditaduras acabam por cegar as pessoas, tornando-as violentas. O discurso da música apresenta três temas: as relações de poder, violência e alienação, discute como esses fatores podem afetar a vida das pessoas. É um questionamento de que o poder torna as pessoas alienadas, e isso acaba se refletindo em atitudes violentas. Como podemos perceber nesta parte:

Toda forma
 De conduta se transforma
 Numa luta armada [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1986)

Ou seja, que o sujeito acaba por fazer distorções na maneira como age, indo de encontro à violência, neste caso à luta armada.

Estamos entrando agora no segundo nível da conexão da crítica à construção da realidade social.

O discurso da música possui metáforas, como por exemplo, este trecho:

E o fascismo é fascinante
 Deixa a gente ignorante e fascinada [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1986)

Representa que as pessoas estão fascinadas, ou seja, alienadas por causa da ditadura, no sentido de que o sujeito está perdido no processo social, como se o fascismo fosse capaz de cegá-las.

A Matriz social do discurso o autor falando da relação da ditadura com o poder em geral. Na época do lançamento da música, o Brasil não era controlado mais por um governo ditatorial. Mas ele critica ditaduras como, por exemplo, Fidel em Cuba e Pinochet no Chile, e generaliza isso para sociedade.

A Ordem do discurso é de uma fala pessimista como neste trecho:

Se tudo passa,
Talvez você passe por aqui
E me faça
Esquecer tudo o que eu vi [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1986)

É uma crítica de que talvez alguém faça algo, e o faça esquecer. Aqui se percebe que o autor não tem muitas perspectivas, que “talvez” alguém apareça, e que possa fazer ele esquecer as coisas ruins que viu.

Os Efeitos ideológicos e políticos do discurso da música possibilitam a construção de uma identidade crítica contra a alienação, como neste trecho:

Toda forma de poder
É uma forma
De morrer por nada [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1986)

É uma crítica de que o poder acaba por levar as pessoas a morte, devido à forma violenta como as questões de poder são tratadas.

Após a análise de discurso realizada, podemos retomar a discussão de nossa hipótese, a qual podemos neste caso confirmar de que a música pode vir a possibilitar a construção de um pensamento crítico, que pode gerar mudanças, pois possui uma perspectiva crítica, de desabafo, que fala do descontentamento do autor com as relações de poder e as coisas ruins que o poder pode trazer, como a violência e a alienação.

4.4.2 O discurso de “Até o Fim”

O discurso da música Até o Fim (em anexo) é distinto de Toda Forma de Poder. O autor fala com outra pessoa, indica que possa acontecer uma separação devido às diferenças entre eles. Ele afirma que não vai abandonar o que deseja conseguir, e a outra pessoa já desistiu várias vezes durante o dia, apontando para dois sujeitos com posicionamentos diferentes, um sujeito com determinação e outra pessoa que desiste fácil do que busca.

Primeiro Nível: A análise do elemento ethos indica a construção de uma identidade social de um sujeito que sai em busca de um objetivo a qualquer custo. Como, por exemplo, nesta parte do refrão:

Não vim até aqui
Pra desistir agora [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 2003)

Percebemos também que a transitividade do discurso apresenta um sujeito que utiliza de uma voz pessoal (“vim”), onde o autor está disposto a conseguir o que quer sem desistir disso. O autor relaciona a sua força de vontade com a da outra pessoa, que ao que tudo indica é diferente da dele, e desiste das coisas facilmente. Como, por exemplo, neste trecho onde o autor fala para a outra pessoa:

Não vai ser a primeira vez
Nas ultimas 24 horas [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 2003)

Também analisamos que o tema da música é a relação entre persistência e indivíduo. Como indicado no trecho a seguir:

Se depender de mim
Eu vou até o fim [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 2003)

O trecho mostra ao que o autor está disposto, sua determinação em alcançar o que quer.

Estamos entrando agora no segundo nível da conexão da crítica a construção da realidade social.

Percebemos que a letra da música possui metáforas, entre elas:

Minhas raízes estão no ar
Minha casa é qualquer lugar [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 2003)

Percebemos que o trecho retrata um sujeito que se adapta a qualquer lugar, e também é uma crítica ao conservadorismo, de que estamos presos a conceitos, as “raízes estão no ar” podemos entender como um sujeito que não se prende a valores convencionais, ele é guiado para onde o vento seguir, ou seja, que é um sujeito maleável. O trecho “Minha casa é qualquer lugar” passa uma sensação de experimentar a liberdade, de não ficar preso somente em um lugar.

A letra é muito focada na força de vontade do autor, como, por exemplo, nesta parte:

Cada célula
Todo fio de cabelo
Falando assim parece exagero
Mas se depender de mim
Eu vou até o fim [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 2003)

Esta parte do discurso também é uma metáfora, “cada célula, todo fio de cabelo” mostra que o sujeito está muito envolvido em conseguir o que quer, ele está totalmente focado em alcançar seu objetivo.

A Matriz social do discurso indica a dedicação do autor na forma como ele encara o que ele deseja.

Sobre a ordem do discurso, mesmo indicando uma separação, ele ainda é otimista e incentivador. O autor afirma que está decidido a continuar sua trajetória em busca de seu objetivo “não vim até aqui pra desistir agora”.

Conforme nossa primeira hipótese, a música possibilita a construção de um pensamento crítico, no sentido de gerar inquietação e não esmorecer e ir atrás do que buscamos, mas também percebemos uma atitude passiva por parte do autor, ao afirmar que entende a outra pessoa desistir no meio do caminho, que configura-se em uma atitude acomodada, por tanto fazendo parte da nossa segunda hipótese da construção da realidade social gerada através de uma perspectiva alienada. Além disso, o fato de o autor dizer que está em busca do que quer a qualquer custo pode significar uma atitude individualista, no sentido de que só o que ele quer interessa, que abriu mão da outra pessoa para conseguir o que quer e é isso o que importa.

4.4.3 O discurso de “3x4”

O discurso da música 3x4 (em anexo) também é uma discussão de relacionamento como Até o Fim, porém, com perspectivas diferentes, o que a música quer passar é que somos do jeito que somos, e que isso pode ser encarado como algo bom.

No primeiro nível identificamos que: A identidade social Ethos da música, é de um sujeito que se aceita do jeito que é e aceita a outra pessoa do jeito que ela é.

A transitividade de 3x4 apresenta o processo no qual o autor está incluído no discurso, constitui-se nele falar para a outra pessoa sobre o que ele pensa em relação a forma como as pessoas devem olhar umas para as outras, sobre gostar delas do jeito que são. O autor ainda faz uma afirmação para ressaltar como ele enxerga a relação amorosa, como neste trecho:

Você se apaixonou pelos meus erros [...] (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1999)

Verificamos como tema da música o amor, por exemplo, nesta parte:

Feitos um pro outro...

Feitos pra durar [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1999)

O trecho indica a relação de duas pessoas apaixonadas que foram feitas uma para a outra.

Estamos entrando agora no segundo nível da conexão da crítica a construção da realidade social.

A música possui metáforas, como neste trecho:

Diga a verdade, ponha o dedo na ferida

Você se apaixonou pelos meus erros [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1999)

Entendemos que o autor apresenta seu ponto de vista incentivando a outra pessoa a ser mais sincera, e entender que não existem pessoas perfeitas. A Matriz social do discurso é uma afirmação de que as pessoas são do jeito que são, como, por exemplo, neste trecho:

Somos o que há de melhor

Somos o que dá pra fazer...

O que não dá pra evitar

E não se pode escolher/esconder [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1999)

Podemos entender de duas maneiras distintas, na primeira de que é um discurso de ser livre, se aceitar e aceitar o outro. O que demonstra que o sujeito está construindo a realidade de maneira crítica. Na segunda maneira, entendemos que isso configura-se em uma atitude acomodada que configuraria na construção da realidade pelo ponto de vista alienado, de não se apoderar da realidade de maneira crítica. Pois a falta de opção de escolha configura-se na falta de perspectiva de mudança na vida do sujeito.

A ordem do discurso é de aceitação, que apresenta um sujeito não enxerga uma mudança na vida, que está conformado com o ser que é.

Quanto aos efeitos ideológicos e políticos do discurso, o que percebemos é que o autor compreende o amor de maneira diferente, de maneira sincera. Podemos fazer duas leituras do discurso, pensando em nossa hipótese, sobre a perspectiva crítica, a aceitação pode representar experimentar a realidade de maneira diferente, a fim de gerar inquietação e mudar a atitude dos sujeitos. Mostra que o autor tem a virtude de reconhecer as pessoas e gostar delas da forma como são. Pois indica que o autor pode enxergar a pessoa além da aparência, e ser sensível com os defeitos da outra pessoa, valorizando-a por completo.

Também é possível entender de outra forma, como a hipótese de ponto de vista alienado, onde a aceitação é a conformidade do sujeito com seu modo de vida, que não sugere uma mudança, o sujeito acaba por apoderar-se da realidade de maneira não crítica, sem estímulo para se tomar uma atitude de sair da acomodação.

4.4.4 O discurso de “O Papa é Pop”

O discurso da música O Papa é Pop (em anexo) é distinto das outras músicas analisadas, não nos remete às relações de poder nem a discussões amorosas, ela aborda outros assuntos, como, por exemplo, a violência e a espetacularização da mesma.

Primeiro nível: Sobre a Ethos do discurso percebemos que se trata da criação da identidade social de um sujeito pessimista que critica o “Pop” por se envolver com tudo o que há no mundo, transformando tudo em notícia, como, por exemplo, neste trecho:

É qualquer nota
Qualquer notícia
Páginas em branco
Fotos coloridas
Qualquer nova
Qualquer notícia
Qualquer coisa
Que se mova
É um alvo
E ninguém tá salvo [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1990)

Fica perceptível no trecho que, para o sujeito, o Pop controla as ações no mundo, transforma qualquer coisa em notícia.

Na transitividade do discurso, o autor faz uma análise da situação expondo que “Ninguém tá salvo”. Que “qualquer coisa que se mova é um alvo”. Que todos são vítimas do Pop. Entendemos o Pop como a espetacularização de reproduções da sociedade, como, por exemplo, a violência, o Pop neste caso se apropria dela para gerar notícia.

Conforme analisamos, percebemos que há relação de temas como a espetacularização de notícias e de ícones que é gerada pela grande quantidade de informação que as pessoas recebem, deixando-as desorientadas como, por exemplo, demonstrado neste trecho:

Todo mundo tá revendo o que nunca foi visto [...] - (ENGENHEIROS DO HAWAII. 1990)

Podemos entender que, ao ler o jornal, as pessoas recebem muita informação que não consegue ser assimilada, inclusive informação parecida. O sujeito está tentando compreender algo, e, logo em seguida, já recebe outra coisa.

Estamos entrando agora no segundo nível da conexão da crítica à construção da realidade social.

O texto apresenta metáforas, como esta do refrão:

O Papa é Pop O Papa é Pop!
 O Pop não Poupa ninguém
 O Papa levou um tiro a queima roupa
 O Pop não Poupa ninguém [...] (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1990)

Na análise dessa metáfora, percebermos que há a glamourização de uma reprodução da sociedade, neste caso da violência, um ato violento que acaba por gerar grande visibilidade.

Na matriz social do discurso o autor fala da massificação, tudo ocorre rapidamente, como uma fábrica de episódios e a sociedade se alimenta da enxurrada de fatos que tornam-se espetacularizados.

A ordem social do discurso pode ser entendida de duas formas: pessimista, de que tudo está errado, e que não há futuro, ou que é uma ironia ao pessimismo, que atinge aquelas pessoas que criticam e falam mal de tudo e nunca enxergar um lado bom nos fatos.

Os efeitos ideológicos e políticos do discurso mostram que o conteúdo da letra apresenta perspectivas distintas sobre nossas hipóteses.

Pela perspectiva de geração de um ponto de vista crítico podemos mencionar que o autor faz uma análise realista e um alerta (inquietação) sobre a espetacularização da violência. Como se o mundo se alimentasse dessa massificação. É um aviso de que algo está errado, diz que o mundo não pode se sustentar na base dessas notícias.

Também entendemos que o discurso da canção pode gerar um ponto de vista alienado nos sujeitos, devido ao tom demasiadamente pessimista e conformado do autor, que diz que nada está bom, que ninguém está a salvo, ele faz uma análise generalizando o que acontece na sociedade. Onde tudo o que se noticia acaba por ser ruim, ou que as notícias são geradas para serem consumidas freneticamente pelas pessoas.

4.5 Discutindo as hipóteses: apresentação dos dados da pesquisa

Agora, conforme a apresentação do problema de pesquisa e hipóteses, iremos prosseguir com os resultados encontrados.

O questionário foi dividido em duas partes a partir das hipóteses. As cinco primeiras perguntas buscam responder que tipo de construção da realidade acontece: Por um lado, a partir da hipótese se a construção é crítica, se a reflexão da letra pode vir a gerar mudanças de atitude na sociedade, se a experimentação da realidade ocorre através da música de maneira que estimule o sujeito em suas ações, ou conforme nossa segunda hipótese: A reflexão musical é alienada, não sugere nenhuma possibilidade de mudança ou se a forma de experimentação da realidade através da reflexão das músicas é diferente, pois não se apodera da realidade de maneira crítica.

As outras cinco perguntas buscam saber qual é o tipo de análise que as músicas possibilitam, se uma análise crítica, onde as letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii irão constituir-se em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas, ou que a música pode nos permitir perceber a realidade e nos provocar inquietação. Ou então se o tipo de análise é de perspectiva alienada, na qual as músicas refletem de certa forma a realidade, mas não estimulam uma atitude crítica, e o teor das letras apresenta um pensamento individualista, ou se a visão de mundo apresentado nessas músicas é distorcida, com características de perfeição e felicidade absoluta. E ainda se é possível perceber o sentimento de egoísmo, como se o personagem fosse o centro do mundo.

4.5.1 Resultados – conhecendo a percepção dos membros do fã clube

Iremos agora apresentar os resultados da pesquisa, já com as respostas separadas por elementos das hipóteses. O perfil geral da amostra foi de cinquenta e quatro participantes, e que ao final da pesquisa somou-se quinhentas e quarenta respostas.

1) Você acha que a mensagem transmitida pelas músicas dos Engenheiros do Hawaii é:

Tabela 1: A Mensagem transmitida pelas músicas da banda

Resposta	Nº	%
Capaz de fazer você refletir a respeito das letras e da sua situação na sociedade, e tentar mudá-la.	27	50
Capaz de causar formas críticas de experimentar a sua realidade, estimulando suas atitudes.	23	42,59
Apenas uma melodia legal que proporciona prazer.	3	5,55
Somente uma forma de curtir a vida e se adaptar a sociedade.	0	0
Outros.	1	1,86
Total	54	100

A alternativa que teve o maior número de respostas com 50% foi a “Capaz de fazer você refletir a respeito das letras e da sua situação na sociedade, e tentar mudá-la”. Seguida por “Capaz de causar formas críticas de experimentar a sua realidade, estimulando suas atitudes” que obteve 43% das respostas e em terceiro lugar com 6% das respostas ficou a opção “Apenas uma melodia legal que proporciona prazer”.

Percebemos que as duas opções mais escolhidas fazem parte da hipótese de que as músicas dos Engenheiros do Hawaii possibilitam a construção de um ponto de vista crítico, em que a reflexão da letra pode gerar mudanças de atitude na sociedade e que a experimentação da realidade ocorre através da música, estimulando o sujeito em suas ações. Ainda temos com uma baixa porcentagem a terceira opção que mostra a construção de um pensamento alienado que não sugere possibilidade de mudança. Deste modo, no universo dos participantes da amostra fica claro que nossa primeira hipótese de que a música gera a construção de um pensamento crítico se confirma.

2) Sobre o trecho da música 3x4: “Somos o que há de melhor/ Somos o que dá pra fazer/ O que não dá pra evitar/ E não se pode escolher”. É possível dizer que:

Tabela 2: Trecho da música 3x4

Resposta	Nº	%
Te permite experimentar uma sensação de busca da liberdade, que possibilita construir um pensamento crítico e estimular suas ações.	22	41
É uma crítica que lhe leva a pensar e rever seu modo de vida perante a sociedade.	12	22
Reforça um conformismo em relação ao seu modo de vida.	12	22
É uma visão despreocupada, que não apresenta uma perspectiva de mudança em sua vida.	5	9
Outros.	3	6
Total	54	100

De acordo com a tabela 2, a opção mais escolhida, com 41% das respostas foi: “Te permite experimentar uma sensação de busca da liberdade, que possibilita construir um pensamento crítico e estimular suas ações”, seguida por: “É uma crítica que lhe leva a pensar e rever seu modo de vida perante a sociedade” e “Reforça um conformismo em relação ao seu modo de vida”, essas opções empataram, cada uma recebeu 22% das respostas.

Percebemos que para a maior parte do público pesquisado, quando perguntamos sobre o refrão de 3x4 foi respondido que a experimentação da realidade ocorre através da música de maneira que estimule suas ações. O sujeito ao escutar a música, irá refletir e experimentar a realidade de forma diferente, terá um incentivo para mudar a forma de agir.

As outras duas alternativas que empataram são distintas, “É uma crítica que lhe leva a pensar e rever seu modo de vida perante a sociedade” faz parte da construção da realidade social do ponto de vista crítico, que pode levar o outro a refletir e mudar atitudes. Já “Reforça um conformismo em relação ao seu modo de vida” faz parte da segunda hipótese, de construção da realidade social do ponto de vista alienado, onde o sujeito não se apodera da realidade de maneira crítica.

Podemos então dizer que com 63% das respostas fica claro que o trecho confirma nossa hipótese, de construção da realidade através do ponto de vista crítico, em que a música possibilita a ele experimentar a realidade de maneira estimulante em sua vida, que pode levá-lo a pensar de maneira crítica e modificar suas atitudes.

3) Sobre o trecho da música O Papa é Pop: “Qualquer nota/ Qualquer notícia/ Páginas em branco/ Fotos coloridas/ Qualquer nova/ Qualquer notícia/ Qualquer coisa que se mova é um alvo.../ E ninguém ta salvo”. O que você entende por isso?

Tabela 3: Trecho da música O Papa é Pop

Resposta	Nº	%
A glamourização de ícones da sociedade enquanto substitutos da ação do sujeito crítico.	19	35
Uma atitude crítica ao pessimismo onde ninguém estaria salvo, e que pode gerar mudanças de sua atitude.	15	28
Uma crítica ao niilismo da sociedade contemporânea.	13	24
Uma atitude descompromissada, do tipo: “viva e deixe viver”, perante a vida, onde nada importa.	5	9
Outros.	2	4
Total	54	100

De acordo com a tabela 3, para 35% da amostra, o trecho de O Papa é Pop representa “A glamourização de ícones da sociedade enquanto substitutos da ação do sujeito crítico”, seguida por “Uma atitude crítica ao pessimismo onde ninguém estaria salvo, e que pode gerar mudanças de sua atitude” que recebeu 28% das respostas, em terceiro lugar ficou a opção “uma atitude crítica ao niilismo da sociedade contemporânea que recebeu 24 % das respostas.

A opção mais escolhida pelos participantes fala da glamourização de sujeitos, esta escolha faz parte da hipótese de construção da realidade social do ponto de vista alienado, que não se apodera da realidade de maneira crítica. Ou seja podemos comprovar neste trecho a segunda hipótese.

4) Sobre o trecho da música Toda Forma de Poder: “Eu presto atenção no que eles dizem/ Mas eles não dizem nada”. O que isso significa para você?

Tabela 4: Trecho da música Toda Forma de Poder

Resposta	Nº	%
Uma maneira de experimentar a realidade de forma crítica, ironizando o que o governo diz, e que pode gerar uma mudança na atitude do sujeito.	26	48
Uma ironia de que as pessoas tem uma visão de que a política não presta, e passam a agir com indiferença. Que estimula o sujeito a mudar suas ações.	17	31
Uma maneira de reproduzir a realidade de forma conformada, ressaltando que o povo e o governo não se entendem.	10	19
Um trecho da música que não leva a nenhuma reflexão e mudança de atitude.	1	2
Outros.	0	0

De acordo com a tabela, a opção mais escolhida com 48% das respostas foi: “Uma maneira de experimentar a realidade de forma crítica, ironizando o que o governo diz, e que pode gerar uma mudança na atitude do sujeito”, seguida por “Uma ironia de que as pessoas tem uma visão de que a política não presta, e passam a agir com indiferença. Que estimula o sujeito a mudar suas ações”, que recebeu 31% das respostas, e em terceiro lugar ficou a opção “Uma maneira de reproduzir a realidade de forma conformada, ressaltando que o povo e o governo não se entendem” que obteve 19% das respostas.

A primeira e a segunda opções mais escolhidas fazem parte da primeira hipótese de construção de realidade social, através do ponto de vista crítico, em que a experimentação da música estimula o sujeito em suas ações e que a reflexão da letra pode vir a gerar mudanças de atitude na sociedade. A terceira opção mais escolhida faz parte da segunda hipótese de construção da realidade pelo ponto de vista alienado, a experimentação da realidade ocorre, mas de maneira diferente, sem ser crítica.

Do universo dos participantes podemos dizer que 79% das respostas entendem que o trecho possibilita a construção da realidade pela perspectiva crítica, confirmando nossa primeira hipótese de que possibilita a construção da realidade de forma crítica, mostrando que a forma irônica como o autor fala do governo pode configurar-se em causar uma mudança de atitude na pessoa que absorve a música, fazendo com que elas reflitam sobre a política, e deixem de pensar que ela não presta.

5) Em Até o Fim, no trecho: “Cada célula, todo fio de cabelo/ Falando assim parece exagero/ Mas se depender de mim/ Eu vou até o fim”. O que essa parte da música representa para você?

Tabela 5: Trecho da música até o fim.

Resposta	Nº	%
Uma maneira inteligente de cutucar quem não mostra dedicação na busca do que quer, e assim gerar uma mudança de atitude.	33	61
Uma nova forma de experimentar a realidade, que estimula o sujeito em suas ações.	17	31
Uma simples metáfora presente na música, somente para rimar e soar bonito.	2	4
Um trecho legal que reforça uma postura de que cada um pode fazer o que quiser, pois o mundo está “beleza”.	2	4
Outros.	0	0
Total	54	100

Conforme a tabela 5, o trecho de Até o Fim é: “Uma maneira inteligente de cutucar quem não mostra dedicação na busca do que quer, e assim gerar uma mudança de atitude” para 61% da amostra, a segunda opção mais escolhida foi “Uma nova forma de experimentar a realidade, que estimula o sujeito em suas ações”, que recebeu 31% das respostas. A terceira opção mais escolhida foi “Uma simples metáfora presente na música, somente para rimar e soar bonito” que obteve 4% das respostas.

As duas opções mais escolhidas fazem parte da primeira hipótese, a reflexão da letra pode gerar mudanças de atitude na sociedade e a experimentação da realidade através da música pode estimular o sujeito em suas ações. A terceira opção mais votada faz parte da nossa segunda hipótese, em que a reflexão da música não sugere nenhuma possibilidade de mudança. Neste trecho podemos comprovar a nossa primeira hipótese.

6) Você acha que as músicas dos Engenheiros do Hawaii podem possibilitar:

Tabela 6: O que as músicas da banda podem possibilitar?

Resposta	Nº	%
Análises realistas sobre a realidade que nos cerca, estimulando um pensamento crítico.	30	55,55
Abordagens de questões do cotidiano que vão gerar inquietações, com perspectiva crítica, dialogando com temas importantes para você.	18	33,34
Um reforço ao pensamento e atitude individualista, onde cada sujeito está preocupado em se adaptar a realidade.	3	5,55
Elas não possibilitam o estímulo para um pensamento crítico, apenas mostram uma visão de que o sujeito vive em um mundo de felicidade absoluta.	2	3,70
Outros.	1	1,86
Total	54	100

De acordo com a tabela 6, para 56% da amostra pesquisada as músicas da banda podem possibilitar “Análises realistas sobre a realidade que nos cerca, estimulando um pensamento crítico”. Seguida pela alternativa “Abordagens de questões do cotidiano que vão gerar inquietações, com perspectiva crítica, dialogando com temas importantes para você” que recebeu 33% das respostas A terceira opção mais escolhida foi “Um reforço ao pensamento e atitude individualista, onde cada sujeito está preocupado em se adaptar a realidade” que recebeu 6% das respostas

As duas opções mais escolhidas fazem parte da primeira hipótese, que faz um tipo de análise, na qual as letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii irão se constituir em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas, e também que a música pode nos permitir perceber a realidade e gerar inquietação. A terceira opção mais escolhida faz parte da outra hipótese, que possibilita outra análise, em que as músicas refletem de certa forma a realidade, mas não estimulam uma atitude crítica, e o teor das letras apresenta um pensamento individualista.

Deste modo, 88,89% das respostas correspondem à hipótese de construção da realidade pela perspectiva crítica. Para a maioria dos participantes da pesquisa as músicas da banda possibilitam fazer análises realistas da sociedade, além disso, as músicas apresentam questões que são comuns no cotidiano, que irão provocar as sujeitos, fazendo-os pensar sobre os temas.

7) Em Toda Forma de Poder, no trecho: “Se tudo passa, talvez você passe por aqui/ E me faça esquecer tudo que eu vi”. O que isso representa para você?

Tabela 7: Trecho de toda forma de Poder

Resposta	Nº	%
Uma análise realista das questões do poder que apontam para uma postura crítica sua, perante a realidade.	23	43
O trecho aponta para a indiferença, ou seja: as relações de poder são coisas ruins nas quais não devo me envolver, mas cuidar da minha vida.	14	26
Uma análise que reforça um pensamento individualista sobre as relações de poder e a atitude da sociedade.	8	15
O trecho da música me provoca uma inquietação sobre a força negativa do individualismo na sociedade.	5	9
Outros.	4	7
Total	54	100

Na tabela 7, percebemos que o trecho selecionado de Toda Forma de Poder representa para 43% da amostra “Uma análise realista das questões do poder que apontam para uma postura crítica sua, perante a realidade”, seguido por “O trecho aponta para a indiferença, ou seja: as relações de poder são coisas ruins nas quais não devo me envolver, mas cuidar da minha vida” que recebeu 26% das respostas. E em terceiro lugar ficou a opção “Uma análise que reforça um pensamento individualista sobre as relações de poder e a atitude da sociedade” que recebeu 15% das respostas

Conforme a tabela 7, a primeira opção mais escolhida faz parte da primeira hipótese, as letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii vão constituir-se em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas. Já as outras duas opções mais escolhidas fazem parte da segunda hipótese, onde percebe-se o sentimento de egoísmo, como se o personagem fosse o centro do mundo e também que as músicas refletem de certa forma a realidade, mas não estimulam uma atitude crítica, e o teor das letras apresenta um pensamento individualista.

Desta forma, 43% das respostas indicam que o trecho e a música em si correspondem a construção de um ponto de vista crítico e confirmam nossa primeira hipótese.

8) O Papa é Pop/ O Papa é Pop/ O Pop não poupa ninguém/ O Papa levou um tiro à queima roupa/ O Pop não poupa ninguém”. O que este trecho da música O Papa é Pop representa para você?

Tabela 8: Trecho de O Papa é Pop

Resposta	Nº	%
O trecho nos permite fazer uma análise realista e crítica da questão da violência.	23	42,59
O trecho da música nos permite perceber a realidade que nos rodeia e isto nos provoca uma inquietação, exigindo uma mudança de atitude.	20	37,04
O trecho da música que aborda a violência não estimula um pensamento crítico, ao contrário, reforça uma atitude individualista, servindo para me alertar que tenho que me precaver e me proteger.	7	12,96
A música demonstra que minha vida está boa e que preciso cuidar para que a violência que não me diz respeito, não me prejudique.	1	1,86
Outros.	3	5,55
Total	54	100

Na tabela 8, vimos que para 43% da amostra o trecho acima de O Papa é Pop “permite fazer uma análise realista e crítica da questão da violência”, seguido por “permite perceber a realidade que nos rodeia e isto nos provoca uma inquietação, exigindo uma mudança de atitude” que recebeu 37% das respostas. E em terceiro lugar temos a opção de que “O trecho da música que aborda a violência não estimula um pensamento crítico, ao contrário, reforça uma atitude individualista, servindo para me alertar que tenho que me precaver e me proteger” que recebeu 13% das respostas.

As duas opções mais correspondidas fazem parte da primeira hipótese, onde as letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii irão constituir-se em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas e que a música pode nos fazer perceber a realidade e provocar inquietação, o que nos permite comprovar nossa hipótese.

Esta música acabou sendo analisada na percepção dos entrevistados de forma híbrida: em alguns trechos vigora o discurso crítico e em outros o alienado.

9) Em Até o Fim, no trecho: “Não vim até aqui pra desistir agora/ Entendo você se você quiser ir embora/ Não vai ser a primeira vez/ Nas últimas 24 horas/ Mas eu não vim até aqui pra desistir agora”. O que isso significa para você?

Tabela 9: Trecho de Até o Fim

Resposta	Nº	%
O trecho da música fecha com a minha meta pessoal de busca da felicidade e da perfeição, sempre reforçando-me como indivíduo.	17	31
O trecho da música significa o reforço da minha atual atitude individualista, onde estou sempre buscando o que é melhor para mim e nunca desisto disto.	15	28
O trecho estimula uma atitude crítica perante o mundo, demonstrando a necessidade que tenho de mudá-lo.	13	24
O trecho gera várias inquietações que me levam a mudar minha atitude perante a realidade.	8	15
Outros.	1	2
Total	54	100

Conforme a tabela 9, para 31% da amostra o trecho de Até o Fim significa que “O trecho da música fecha com a minha meta pessoal de busca da felicidade e da perfeição, sempre reforçando-me como indivíduo”, seguido de “O trecho da música significa o reforço da minha atual atitude individualista, onde estou sempre buscando o que é melhor para mim e nunca desisto disto” que recebeu 28% das respostas e em terceiro lugar ficou a opção de que “O trecho estimula uma atitude crítica perante o mundo, demonstrando a necessidade que tenho de mudá-lo” que recebeu 24% de respostas

As duas respostas mais escolhidas fazem parte da segunda hipótese de que a visão de mundo apresentado na música é distorcida, com características de perfeição e felicidade absoluta e também que a música reflete de certa forma a realidade, mas não estimula uma atitude crítica, e o teor da letra apresenta um pensamento individualista. Já a terceira opção faz parte da primeira hipótese de que as letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii vão constituir-se em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas. Neste trecho podemos comprovar nossa hipótese dois.

Esta música acabou sendo analisada na percepção dos entrevistados de forma híbrida: neste trecho, a percepção dos participantes foi da construção de um discurso alienado, mas no outro trecho apresentado anteriormente vigora o discurso crítico.

10) Em 3x4, no trecho: “Diga a verdade/ Ponha o dedo na ferida/ Você se apaixonou pelos meus erros”. O que isso representa para você?

Tabela 10: Trecho de 3x4

Resposta	Nº	%
Faz uma análise realista de que o mundo não é perfeito, mas mesmo assim é esse o mundo que nós temos, e me sugere modificar a forma de agir.	23	43
Estimula uma atitude crítica, que provoca inquietação para mudarmos o jeito como nos relacionamos com as pessoas.	12	22
É uma visão de que o mundo é cheio de problemas, mas mesmo assim está tudo bem, dá para ser feliz sempre.	10	19
Reforça um pensamento individualista de que as coisas erradas que faço devem ser valorizadas.	5	9
Outros.	4	7
Total	54	100

Conforme a tabela 10, o trecho de 3x4 representa para a amostra com 43% das respostas “uma análise realista de que o mundo não é perfeito, mas mesmo assim é esse o mundo que nós temos, e me sugere modificar a forma de agir”, seguido pela opção “Estimula uma atitude crítica, que provoca inquietação para mudarmos o jeito como nos relacionamos com as pessoas”, que recebeu 22% das respostas, e em terceiro lugar a opção de que “A visão de mundo apresentado nessas músicas é distorcida, com características de perfeição e felicidade absoluta” que obteve 19% das respostas.

As duas opções mais escolhidas fazem parte da primeira hipótese de que as letras das músicas dos Engenheiros do Hawaii vão constituir-se em análises realistas de questões do cotidiano, que são críticas, e que a música nos permite perceber a realidade e provocar inquietação. Já a terceira resposta mais votada faz parte da segunda hipótese, de que a visão de mundo apresentado nessas músicas é distorcida, com características de perfeição e felicidade absoluta.

Com 65% das respostas percebemos que o trecho possibilita a construção de um pensamento crítico, confirmando nossa primeira hipótese, é um trecho que possibilita ao indivíduo fazer uma análise realista do mundo onde ele vive, que o incentiva a tentar mudar o que não está bom, além disso, serve de estímulo para mudar a forma de agir com as pessoas. A música confirma nossa primeira hipótese de construção da realidade a partir de um ponto de vista crítico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa nós trabalhamos com o tema da música (arte), de sua relação com a realidade social, queríamos responder ao nosso problema de pesquisa que é qual a construção da realidade social gerada pelas músicas dos Engenheiros do Hawaii?

Depois de todo o processo de estudo teórico, que nos deu sustentação para a realização deste trabalho e da pesquisa com o propósito de responder nosso problema e confirmar nossas hipóteses, chegamos à conclusão de que das quatro músicas da banda, duas delas: Toda forma de Poder e 3x4 confirmam nossa hipótese de que a construção da realidade social gerada é através de um ponto de vista crítico, em que os sujeitos fazem análises realistas da sociedade, as letras dessas músicas provocam neles inquietações, para os participantes da pesquisa as canções possibilitam a eles a construção de um pensamento crítico que faz com que reflitam e isso gere neles mudanças de atitude, como por exemplo, uma nova postura sobre as relações de poder, ou de possibilitar ao sujeito enxergar o mundo onde vive de maneira clara, e tente mudar o que não lhe agrada.

Em relação às músicas: Até o Fim e O Papa é Pop não podemos afirmar qual a construção da realidade social que elas possibilitam, na percepção deles os dois trechos selecionados geraram percepções distintas.

Devido à experiência que adquirimos durante a construção do trabalho, entendendo que este é o primeiro trabalho desta dimensão que realizamos, podemos mencionar que esta pesquisa pode auxiliar outros projetos, serve de estímulo a novos pesquisadores que se interessam pela arte, seja a música ou outra expressão artística, também pode abrir a possibilidade que ele inspire outros projetos nossos, já que ele será sempre referência para nós, nos dá base para almejarmos novas pesquisas no ramo da música, sobre outros artistas que nos interessam.

A pesquisa nos proporcionou entrar em contato com a música, não somente como apreciadores, mas sim como pesquisadores, conseguimos estudar como a arte se relaciona com a realidade social, saímos do trabalho satisfeitos com os resultados alcançados.

Assimilamos teorias de importantes estudiosos que nos deram uma nova dimensão acerca dos assuntos que abordamos, como a arte e a realidade, pudemos compreender, por exemplo, as transformações que elas sofrem com o tempo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEINMER; Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALMEIDA, Gustavo Balbuena de. **“Os branquelos do fim do mapa”**: Humberto Gessinger e a afirmação de uma identidade gaúcha. Cascavel: Unioeste, 2013.

ÁVILA, Alisson; BASTOS, Cristiano; MÜLLER, Eduardo. **Gauleses Irredutíveis**: causas e atitudes do rock gaúcho. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

BERGER, Peter L. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1985.

BOULAY, Marinilda Bertolete. **Música**: Cultura em Movimento. 1ª. ed. Socorro, SP: Totem: Intituto Totem Cultural, 2009.

DICIONÁRIO MPB. **Engenheiros do Hawaii**. Disponível em: www.dicionariompb.com.br. Acesso em 25 de fev. de 2014, às 17h.

ENGENHEIROS DO HAWAII. Disponível em: www2.uol.com.br/engenheirosdohawaii/. Acesso em 25 de fev. de 2014, às 17h21min.

FÃ CLUB ENGENHEIROS DO HAWAII. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/F%C3%A3-club-Engenheiros-Do-Hawaii/334971219859818?fref=ts>. Acesso em 27 de fev. de 2014, às 14h.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 2008.

FRANZ, Jaqueline Pricila dos Reis. **Mapas do acaso**: As canções de Humberto Gessinger sob a ótica contemporânea. Porto Alegre: URGs, 2007.

GESSINGER, Humberto. In: **Toda Forma de Poder**. São Paulo: BMG: 1986. Faixa 1.

GESSINGER, Humberto. In: **O Papa é Pop**. Rio de Janeiro: BMG: 1990. Faixa 7.

GESSINGER, Humberto. In: **3x4**. Rio de Janeiro: Universal. 1999. Faixa 10.

GESSINGER, Humberto. In: **Até o Fim**. Rio de Janeiro: Universal. 2003. Faixa 7.

GESSINGER, Humberto. **Pra ser sincero**; 123 variações sobre um mesmo tema. Caxias do Sul: Belas Letras Ltda, 2010.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOBBSAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MANHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MARX, Karl. **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

PAIVA, Marília Luana Pinheiro de. **Engenheiros do Hawaii no ensino de história**: Uma análise no conceito de guerra. Cascavel: Unioeste, 2013.

PICCOLI, Edgard. **Que rock é esse?** A história do rock brasileiro contada por alguns de seus ícones. São Paulo: Prol Editora e Gráfica, 2008.

PRATES, Jane Cruz. **A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social.** FSS/PUCRS, 2007.

SOM DO RÁDIO. Disponível em: www.somdoradio.com. Acesso em 25 de fev. às 18h5min.

SOSNOVSKI, Anatoli. **Brasil rumo à democracia.** São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1989.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

VIEIRA, Gizelaine dos Santos. **As ideias estética de Marx e a arte pós-moderna.** Florianópolis: UFSC, 2011.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

APÊNDICES

Questionário: Realidade Social – Engenheiros do Hawaii

1. Você acha que a mensagem transmitida pelas músicas dos Engenheiros do Hawaii é:
 - * Capaz de causar formas críticas de experimentar a sua realidade, estimulando suas atitudes.
 - * Somente uma forma de curtir a vida e se adaptar a sociedade.
 - * Apenas uma melodia legal que proporciona prazer.
 - * Capaz de fazer você refletir a respeito das letras e da sua situação na sociedade, e tentar mudá-la.
 - * Outros

2. Sobre o trecho da música 3x4: “Somos o que há de melhor/ Somos o que dá pra fazer/ O que não dá pra evitar/ E não se pode escolher”. É possível dizer que:
 - * É uma crítica que lhe leva a pensar e rever seu modo de vida perante a sociedade.
 - * É uma visão despreocupada, que não apresenta uma perspectiva de mudança em sua vida.
 - * Reforça um conformismo em relação ao seu modo de vida.
 - * Te permite experimentar uma sensação de busca da liberdade, que possibilita construir um pensamento crítico e estimular suas ações.
 - * Outros

3. Sobre o trecho da música O Papa é Pop: “Qualquer nota/ Qualquer notícia/ Páginas em branco/ Fotos coloridas/ Qualquer nova/ Qualquer notícia/ Qualquer coisa que se mova é um alvo.../ E ninguém ta salvo”. O que você entende por isso?
 - * A glamourização de ícones da sociedade enquanto substitutos da ação do sujeito crítico.
 - * Uma atitude crítica ao pessimismo onde ninguém estaria salvo, e que pode gerar mudanças de sua atitude.
 - * Uma atitude descompromissada, do tipo: “viva e deixe viver”, perante a vida, onde nada importa.
 - * Uma crítica ao niilismo da sociedade contemporânea.
 - * Outros

4. Sobre o trecho da música Toda Forma de Poder: “Eu presto atenção no que eles dizem/ Mas eles não dizem nada”. O que isso significa para você?
- * Uma maneira de experimentar a realidade de forma crítica, ironizando o que o governo diz, e que pode gerar uma mudança na atitude do sujeito.
 - * Uma maneira de reproduzir a realidade de forma conformada, ressaltando que o povo e o governo não se entendem.
 - * Uma ironia de que as pessoas tem uma visão de que a política não presta, e passam a agir com indiferença. Que estimula o sujeito a mudar suas ações.
 - * Um trecho da música que não leva a nenhuma reflexão e mudança de atitude.
 - * Outros
5. Em Até o Fim, no trecho: “Cada célula, todo fio de cabelo/ Falando assim parece exagero/ Mas se depender de mim/ Eu vou até o fim”. O que essa parte da música representa para você?
- * Uma nova forma de experimentar a realidade, que estimula o sujeito em suas ações.
 - * Uma simples metáfora presente na música, somente para rimar e soar bonito.
 - * Uma maneira inteligente de cutucar quem não mostra dedicação na busca do que quer, e assim gerar uma mudança de atitude.
 - * Um trecho legal que reforça uma postura de que cada um pode fazer o que quiser, pois o mundo está “beleza”.
 - * Outros
6. Você acha que as músicas dos Engenheiros do Hawaii podem possibilitar:
- * Análises realistas sobre a realidade que nos cerca, estimulando um pensamento crítico.
 - * Um reforço ao pensamento e atitude individualista, onde cada sujeito está preocupado em se adaptar a realidade.
 - * Abordagens de questões do cotidiano que vão gerar inquietações, com perspectiva crítica, dialogando com temas importantes para você.
 - * Elas não possibilitam o estímulo para um pensamento crítico, apenas mostram uma visão de que o sujeito vive em um mundo de felicidade absoluta.
 - * Outros

7. Em Toda Forma de Poder, no trecho: “Se tudo passa, talvez você passe por aqui/ E me faça esquecer tudo que eu vi”. O que isso representa para você?
- * Um análise realista das questões do poder que apontam para uma postura crítica sua, perante a realidade.
 - * Uma análise que reforça um pensamento individualista sobre as relações de poder e a atitude da sociedade.
 - * O trecho da música me provoca uma inquietação sobre a força negativa do individualismo na sociedade.
 - * O trecho aponta para a indiferença, ou seja: as relações de poder são coisas ruins nas quais não devo me envolver, mas cuidar da minha vida.
 - * Outros
8. “O Papa é Pop/ O Papa é Pop/ O Pop não poupa ninguém/ O Papa levou um tiro à queima roupa/ O Pop não poupa ninguém”. O que este trecho da música O Papa é Pop representa para você?
- * O trecho nos permite fazer uma análise realista e crítica da questão da violência.
 - * O trecho da música nos permite perceber a realidade que nos rodeia e isto nos provoca uma inquietação, exigindo uma mudança de atitude.
 - * O trecho da música que aborda a violência não estimula um pensamento crítico, ao contrário, reforça uma atitude individualista, servindo para me alertar que tenho que me precaver e me proteger.
 - * A música demonstra que minha vida está boa e que preciso cuidar para que a violência que não me diz respeito, não me prejudique.
 - * Outros

9. Em Até o Fim, no trecho: “Não vim até aqui pra desistir agora/ Entendo você se você quiser ir embora/ Não vai ser a primeira vez/ Nas últimas 24 horas/ Mas eu não vim até aqui pra desistir agora”. O que isso significa para você?
- * O trecho da música significa o reforço da minha atual atitude individualista, onde estou sempre buscando o que é melhor para mim e nunca desisto disto.
 - * O trecho da música fecha com a minha meta pessoal de busca da felicidade e da perfeição, sempre reforçando-me como indivíduo.
 - * O trecho estimula uma atitude crítica perante o mundo, demonstrando a necessidade que tenho de mudá-lo.
 - * O trecho gera várias inquietações que me levam a mudar minha atitude perante a realidade.
 - * Outros
10. Em 3x4, no trecho: “Diga a verdade/ Ponha o dedo na ferida/ Você se apaixonou pelos meus erros”. O que isso representa para você?
- * Faz uma análise realista de que o mundo não é perfeito, mas mesmo assim é esse o mundo que nós temos, e me sugere modificar a forma de agir.
 - * Estimula uma atitude crítica, que provoca inquietação para mudarmos o jeito como nos relacionamos com as pessoas.
 - * Reforça um pensamento individualista de que as coisas erradas que faço devem ser valorizadas.
 - * É uma visão de que o mundo é cheio de problemas, mas mesmo assim está tudo bem, dá para ser feliz sempre.
 - * Outros

ANEXOS

Letra da música: Toda Forma de Poder (*Gessinger*)

Eu presto atenção no que eles dizem
mas eles não dizem nada
Fidel e Pinochet tiram sarro de você
que não faz nada
Começo a achar normal que algum boçal
atire bombas na embaixada

Se tudo passa, talvez você passe por aqui
e me faça esquecer tudo que eu vi

Toda forma de poder
é uma forma de morrer por nada
Toda forma de conduta
se transforma numa luta armada
A história se repete
mas a força deixa a estória mal contada

Se tudo passa, talvez você passe por aqui
e me faça esquecer tudo que eu vi

O fascismo é fascinante
deixa a gente ignorante e fascinada
É tão fácil ir adiante
e esquecer que a coisa toda tá errada
Eu presto atenção no que eles dizem
mas eles não dizem nada

Fonte: Site dos Engenheiros do Hawaii

Letra da música: O Papa é Pop
(Gessinger)

Todo mundo tá relendo
o que nunca foi lido
Todo mundo tá comprando
os mais vendidos

Qualquer nota
qualquer notícia
páginas em branco
fotos coloridas
Qualquer nova
qualquer notícia
qualquer coisa que se mova
é um alvo...ninguém tá salvo

Todo mundo tá revendo
o que nunca foi visto
Tá na cara
tá na capa da revista

Qualquer nota
uma nota preta
páginas em branco
fotos coloridas
Qualquer rota
rotatividade
qualquer coisa que se mova
é um alvo...ninguém tá salvo
um disparo...um estouro

O Papa é Pop
O Papa é Pop
O pop não poupa ninguém
O Papa levou um tiro à queima roupa
O pop não poupa ninguém

O presidente é pop
Um indigente é pop
Nós somos pop também
A minha mente é pop
A tua mente é pop
O pop não poupa ninguém

Uma palavra
na tua camiseta
(O planeta na tua cama)

Uma palavra

escrita à lápis
(Eternidades da semana)

Qualquer nota
qualquer notícia
páginas em branco
fotos coloridas
Qualquer coisa quase nova
qualquer coisa que se mova
é um alvo...ninguém tá salvo
um disparo...um estouro

O Papa é pop
O Papa é pop
O pop não poupa ninguém
O Papa levou um tiro à queima roupa
O pop não poupa ninguém

O presidente é pop
Um indigente é pop
Nós somos pop também
Antigamente é pop
Atualmente é pop
O pop não poupa ninguém

Toda catedral é populista
é pop, é macumba prá turista
E afinal? O que é rock'n'roll?
Os óculos do John, ou o olhar do Paul?

O Papa é pop
O Papa é pop
O pop não poupa ninguém
O Papa levou um tiro à queima roupa
o pop não poupa ninguém

O Papa é pop
O Papa é pop
O pop não poupa...
O pop não poupa...
O pop não poupa... ninguém...

Fonte: Site dos Engenheiros do Hawaii

Letra da música: 3x4
(*Gessinger*)

Diga a verdade ao menos uma vez na vida
Você se apaixonou pelos meus erros
Não fique pela metade
vá em frente, minha amiga
Destrua a razão desse beco sem saída
Diga a verdade
ponha o dedo na ferida
Você se apaixonou pelos meus erros
Eu perdi as chaves
Mas que cabeça a minha!
Agora vai ter que ser para toda a vida

Somos o que há de melhor
Somos o que dá pra fazer
O que não dá pra evitar
E não se pode escolher

Se eu tivesse a força que você pensa que eu tenho
eu gravaria no metal da minha pele o teu desenho
feitos um pro outro... feitos pra durar
Uma luz que não produz sombra

Fonte: Site dos Engenheiros do Hawaii

Letra da música: Até o Fim
(*Gessinger*)

Não vim até aqui pra desistir agora
Entendo você se você quiser ir embora
Não vai ser a primeira vez
nas últimas 24 horas
Mas eu não vim até aqui pra desistir agora

Minhas raízes estão no ar
Minha casa é qualquer lugar
Se depender de mim eu vou até o fim
Voando sem instrumentos
ao sabor do vento
Se depender de mim eu vou até o fim

Não vim até aqui pra desistir agora
Entendo você se você quiser ir embora
Não vai ser a primeira vez
em menos de 24 horas
Mas eu não vim até aqui pra desistir agora

A ilha não se curva noite a dentro vida afora
Toda a vida, o dia inteiro
não seria exagero
Se depender de mim eu vou até o fim

Cada célula, todo fio de cabelo
Falando assim parece exagero
Mas se depender de mim
eu vou até o fim

Não vim até aqui pra desistir agora
Não vim até aqui pra desistir

Fonte: Site dos Engenheiros do Hawaii